

PERNAMBUCO

CUIDADO: MACHADO DE ASSIS

Os supostos mistérios da vida do escritor
sempre se confundem com a sua obra



GALERIA



JOÃO PENONI

“O trabalho *Lúmen - Pedra da Gávea* faz parte de uma pesquisa visual onde busco possíveis relações entre o corpo, a luz e a paisagem. Desde 2002 venho experimentando situações onde uso meu corpo como suporte e ferramenta de trabalho. Para essa foto, passei uma noite acampado no topo da Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, vestindo uma roupa feita com pontos de LED.”

<http://www.penoni.com/>

CARTA DO EDITOR

“**Em Machado tudo fascina.** A sua alta complexidade. As relações internas com as províncias de sua obra. O volume do substantivo, a riqueza do que não se diz, a compreensão profunda do humano, mas sobretudo o modo pelo qual uma parte do Brasil pensou a si mesmo, fonte de reflexão da História. Af está tudo. Ou quase.” Essa é a definição que Marco Lucchesi concedeu para imprensa quando lançou ano passado seu primeiro romance, *O Dom do crime*, obra enfeitada e baseada naquele homem que o clichê nos ensinou a chamar de O Bruxo do Cosme Velho.

Em *O Dom do crime* Lucchesi tenta entender o mistério de *Dom Casmurro* (o velho Capitu traiu ou não?) a partir de um crime real que chocou o Rio de Janeiro na segunda metade do século 19. Lucchesi levanta a teoria que o Machado repórter teria investigado e ficado tão fascinado por esse caso que teria usado sua trama para montar seu romance seminal. “Foi o crime que me levou a Machado. Melhor dizendo ao século 19. É um século riquíssimo para explicar o Brasil e com textos importantes, boa parte dos quais, até, esquecidos, ou pouco divulgados. E o crime foi o modo de discutir questões do período. Mas sobretudo o romance traz uma discussão a respeito da História e do Tempo”, afirmou o escritor.

Baseado nessa inspiração ficcional montamos a capa do **Pernambuco** deste mês. Num longo artigo, o doutorando em letras da UFPE, Eduardo França, nos aponta o quanto apesar de Machado de Assis ter vivido uma vida monótona, sem grandes sobressaltos, uma série de mistérios parece rondar sua biografia. No caso do escritor, quanto menos sabemos sobre sua vida, mais interessante parece sua obra ficar. Vale ressaltar o trabalho do ilustrador Shiko, que na sua percepção dos artigos desta edição levou Machado de Assis para um mundo visual *noir*.

Nesta edição, prestamos homenagem aos 100 anos de nascimento de Elizabeth Bishop, uma das mais revolucionárias vozes da literatura. A escritora Micheline Verunschik nos enviou uma “carta” para a mestra: “Gostaria de começar esse texto dizendo: ‘Fui amiga de Elizabeth Bishop, trocávamos cartas. Algumas das três mil cartas que deixou, eram endereçadas a mim’. Mas, por um desses lapsos do tempo e do destino, quando eu nasci ela já havia completado 61 anos e quando ela morreu eu ainda nem pensava que seria meu o ofício da poesia.” Diz o começo da sua missiva que foi “extraviada” para nós.

Boa leitura e até abril!

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO

Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO - CEPE

Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:

Mário Hélio (Presidente)
Antônio Portela
José Luiz da Mota Menezes
Luís Augusto Reis
Luzilá Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Hallina Beltrão, Karina Freitas,
Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva

Cepe
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco - CEPE
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

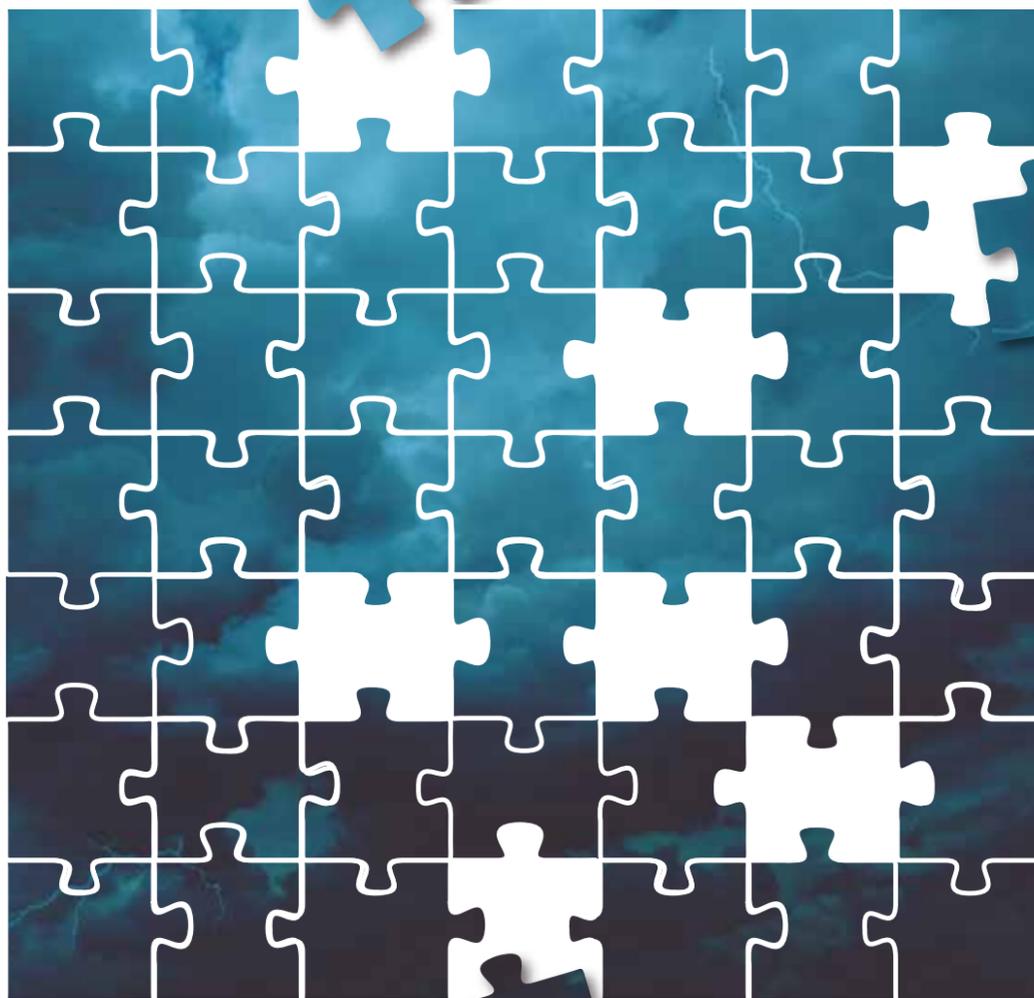
BASTIDORES

Um passado de cujo presente eu faço parte

A partir de lembranças familiares, autora soube forjar a realidade da sua ficção

Andréa Del Fuego

KARINA FREITAS



Os Malaquias é meu primeiro romance. Ele não surgiu de uma passagem natural do conto ao romance ou de um compromisso literário, um desafio de linguagem como me propus com os livros anteriores. O livro surgiu no seio familiar, uma cobrança interna de outra comarca, a da herança. Comecei a escrever *Os Malaquias* logo depois que minha avó morreu, no inverno de 2003. Meses depois, fui a Minas Gerais, onde ela vivia, enfrentar a ausência da grande mãe. Numa tarde, percorri com minhas tias a região de Serra Morena, um vale deslumbrante que fica atrás do bairro Buracão, onde minha avó criou os filhos. Voltei certa de que escreveria um romance chamado *Serra Morena*. O nome ficou na cabeça por bom tempo até que eu tomasse fôlego. A história se iniciaria no acidente natural que vitimou meus bisavós, deixando orfãos os filhos, entre eles, meu avô. Ninguém da família comentava o caso e, numa tentativa de saber mais, meu avô ficou fragilizado e desisti de especulá-lo, era uma memória a que eu não teria acesso. Cada vez que escrevia uma página era tomada por uma eletricidade, inventar um passado de cujo presente faço parte. Da cena real, a tempestade, eu inventaria o segredo dos sobreviventes. Um estado de ficção, onde se suspende a lógica da morte, por exemplo. Passaria uma mão de tinta em fatos, escreveria uma teoria provisória. A pretensão poética e o realismo fantástico, presentes no texto, foram amortecedores emocionais, já que eu estava me olhando no espelho, ocasião em que damos o melhor ângulo. Aos poucos, fui percebendo o que valia a pena e o que servia apenas como andaime para a construção do edifício. A questão, claro, era diferenciar o andaime da parede. Assim que terminei o primeiro tratamento, enlouqueci de emoção, realizada por ter escrito tantas páginas, por chamar aquelas folhas de romance. Não durou muito, fiquei insegura, qualquer peteleco me abalaria. Era um erro achar que a primeira versão seria a definitiva. Abandonei o *Serra Morena* e fui escrever alguns livros de contos e juvenis. Todos encontraram um caminho, o que me deu uma certeza: cada livro tem seu limite, seus problemas e sua estrada, feito uma pessoa que acaba de chegar ao mundo. Abri a gaveta num verão de 2007 para reler o *Serra Morena*, já distante emocionalmente da realidade familiar e mais próxima de um compromisso literário. Armada com facão, cortei o matagal, tudo o que camuflava a força da trama. Com a distância, pude perceber que havia sim um romance debaixo daquela montanha de

metáforas. Aliás, não consigo me livrar delas nem nesse texto objetivo. Mas para cortar sem dó, negocieei, já que a ficção fantástica inundaria de vez o livro, eu manteria os nomes reais. Nico, Júlia e Antônio são os nomes do meu avô e tios-avós. Assim que fiz uma boa reforma no texto, meu tio-avô Antônio faleceu, justamente a presença mais delicada no livro. Toda aquela distância diminuiu em segundos, fiquei novamente diante de um texto tão próximo que meu julgamento ficou abalado e acrílico. Não era só isso, Nico e Júlia são vivos. Júlia, como no livro, teve que voltar à Serra Morena e morar com o irmão. Soube que minha tia caçula leu trechos para o meu avô, ele ouviu em silêncio. Outra tia leu o original em algumas horas, foi seu primeiro livro aos 40 anos, talvez o último, ela não tem o hábito da leitura. O livro deixou-me em dia com a cobrança de fertilidade, de uma pegada no mundo que ligasse meu passo ao deles. Essa sanfona emocional, claro, não me parece o melhor estado na produção de um romance, produto digno de uma disciplina racional, de um cálculo estético, ou seja, de controle. Tive outra experiência similar, escrevi um infantil baseado numa vivência em um sítio, em Ilhabela, e igualmente mantive os nomes reais dos personagens, mas essa é outra história, o sangue não está envolvido, ainda que o real traga algo palpável como a gratidão e a amizade. Daqui por diante, pretendo sair cada vez mais do real, sem que eu me perca e o leitor perceba. Quando *Os Malaquias* chegou na editora Língua Geral, ainda não estava em seu ponto maduro, o editor, na época o Eduardo Coelho, disse que o *Serra Morena* tinha qualidades, mas podia melhorar. Eduardo sugeriu cortes precisos, a cada corte, mais evidente ficava a forma. Primeira mudança foi no título, depois ele enviou para alguns leitores e fizemos inúmeras revisões e versões. Em agosto de 2010, *Os Malaquias* foi lançado. Com muita alegria, venho recebendo resenhas positivas sobre um trabalho que, no meu universo portátil, é um inventário privado.

CARTUNS

RAL
RALMILDO@YAHOO.COM.BR



O LIVRO



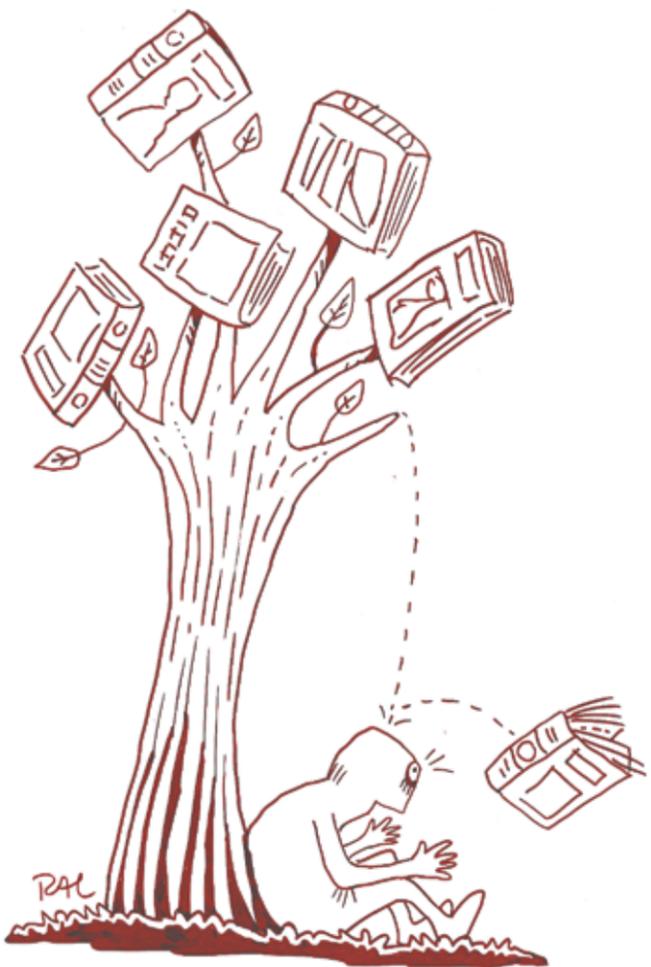
Os Malaquias
Editora Língua Geral
Páginas 276
Preço R\$ 39

JORNALISMO

Este aqui é o melhor *release* do seu verão

Especialista desvenda a incrível arte das assessorias de nos vender o mundo

Diogo Guedes



“Qual o seu desejo mais íntimo? O meu, não vou contar não...”. Esta matéria poderia ter um começo assim, suspeito, se fosse baseada em um *release* do lançamento de um perfume. Quem mostra essa pequena pérola das assessorias de imprensa – não sem ironizar a personalidade desnecessária daquele início – é a jornalista Maisa Infante, do blog *Crônicas do dia-a-dia* (<http://maisainfante.blogspot.com>). No site, a paulista reúne alguns erros e absurdos enviados para as redações de jornais, contribuindo com um dos passatempos preferidos dos repórteres, não importa seu veículo ou área: ironizar e reclamar de *releases*.

Esses textos, que misturam a função publicitária com a técnica jornalística, são uma das principais bases do jornalismo. Chegando às centenas diariamente, eles passam a ser o ponto inicial da maioria das matérias de uma empresa de comunicação, anunciando um evento, convidando para uma coletiva de imprensa ou sugerindo uma entrevista relevante. Caso você pergunte aos repórteres o *release* mais marcante que já receberam, com certeza eles irão lembrar-se de algum texto cheio de erros ou mesmo sem sentido. Nunca irão citar uma peça útil e sucinta.

Para quem tem pouca familiaridade com o assunto, *release* (lançamento, em inglês) é nome original das propostas de pauta enviadas pelos próprios interessados na publicação da matéria, empresas, órgãos públicos, artistas e outros. O professor Gilberto Lorenzon, autor, junto com Alberto Mawakdiye, do *Manual de assessoria de imprensa*, define-o como “um ‘provocador’ do interesse do jornalista”. É, para ele, uma das principais ferramentas de comunicação de uma empresa. “O papel da assessoria é abrir uma

interlocução com a imprensa para levar as fontes que o contrataram para as pautas das redações. Assim, o *release* pode ser visto como um convite para que o jornalista venha até nosso cliente para conversar sobre sua produção”, descreve.

Segundo o professor, a ferramenta popularizou-se no Brasil no final da década de 1930. “Historicamente, o *release* surge com maior destaque durante a ditadura de Getúlio Vargas”, conta. A sua utilização original, na verdade, tinha uma intenção negativa: “Ele aparecia como uma barreira, uma tentativa de afastar os jornalistas das fontes oficiais. Sua função era impedir que as fontes oficiais fossem questionadas pelos jornalistas”. Hoje, Lorenzon defende que a prática é uma das formas mais democráticas de se comunicar com a imprensa. “O *release* não precisa ser escrito por um assessor famoso ou influente para emplacar. Basta ter uma informação útil sobre a fonte”, exalta.

Das centenas de textos enviados apenas alguns – dez ou quinze no máximo – tendem a ser utilizados. O jornal *O Globo*, por exemplo, recebe mais de mil por dia, segundo Lorenzon, o que torna a maioria deles uma espécie de *spam*. A primeira obrigação, então, do assessor é fazer um texto direto e conciso. “O bom *release* precisa trazer uma proposta de matéria e ter densidade”, define o professor. A linguagem do texto de assessoria deve ser invisível e natural, a despeito do conteúdo moderado de apologia publicitária.

Para o professor, uma das características do *release* é o uso de elementos do texto jornalístico. “O *release* é uma peça muito técnica. Ele é o reflexo invertido de uma matéria, com a mesma estrutura dela. Só é



mais reduzido, mas deve ter todos os componentes dela”, ensina.

Fugir desse padrão ou se descuidar na hora de escrever termina levando a erros – justamente o caráter cômico das peças. Os mais comuns são títulos surreais, deslizes de gramática, trechos sem sentido e o excesso de adjetivação. Não é raro ver no campo de Assunto de um e-mail algo como “NATAL E RÉVEILLON: Depressão, Melancolia e Ansiedade com Horário Marcado”, “Dicas para ajudar seu marido a curtir o verão”, ou “Expor o Corpo e Fazer Sucesso é um direito de todos no Verão” – todos exemplos reunidos esporadicamente no perfil do Twitter @comuniz, mantido por um repórter que não informa seu nome.

“Há um erro muito recorrente por parte de nós assessores, que é o de produzirmos o *release* como uma reportagem propriamente dita. Quem deve fazer uma matéria é o jornalista, que vai visitar as fontes e apurar”, aponta Lorenzon. Ainda assim, ele diz que o principal problema é quando a intenção comercial da peça atrapalha o distanciamento jornalístico. “Os piores releases são os que trabalham com a linguagem da publicidade. Tanto que alguns repórteres brincam: ‘Nos releases, todas as empresas são líderes no seu setor’. Essa linguagem deveria ser, na verdade, muito próxima da linguagem do jornalismo”, opina.

Em áreas menos factuais, como os cadernos de cultura e de variedades, os textos ainda cometem mais uma falha, ao tentar dar uma importância urgente e desmedida a eventos e novidades menores. “Nesses casos, a tendência das peças é serem mais soltas, até caindo no vício do nariz de cera (como se

chama, no jornalismo, o começo de matérias que demoram muito até chegar à sua temática principal)”, critica Lorenzon.

ASSESSORIA LITERÁRIA?

Além de trabalhar como assessor, Lorenzon ministra com frequência cursos voltados para os profissionais que atuam na área. Em alguns casos, ele se volta para temáticas específicas, como *media training* e serviços para órgãos públicos. O que chama atenção, no entanto, são as aulas que desenvolveu em parceria com a Associação Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), em São Paulo. O nome do curso é inusitado: *Jornalismo literário em assessoria de imprensa*.

O que o texto de autores como Joseph Mitchell, John Hersey, Gay Talese e Truman Capote poderia ter a ver com um trabalho ligado em essência a um cliente? A primeira impressão é a de que o curso defenderia uma escrita mais solta e elaborada dentro do espaço tradicionalmente curto e direto do *release*. Lorenzon começa a explicar: “Foi um curso muito interessante. As assessorias de imprensa fazem jornalismo literário sem dar esse nome a ele”.

Para ele, jornalismo literário pode ser definido como a humanização das reportagens. “De certa forma, ele é um aprofundamento da matéria nos personagens”, opina. Assim, segundo o professor, vários assessores trabalham auxiliando a execução de matérias literárias sem saber. “Vamos tomar como exemplo uma reportagem televisiva sobre o aumento de uma passagem de ônibus por parte da prefeitura. Para não ficar apenas nos números,

o jornalista quer contar a história a partir de um personagem, do impacto que isso tem na vida dele”, conta. “Nós, na assessoria de imprensa, é que normalmente arranjamos ou sugerimos ao jornalista esses personagens que se encaixam em um determinado perfil pensado para a matéria”.

Existem dois grandes problemas na proposta. Primeiro, o jornalismo literário é muito mais do que aprofundamento nos personagens. Ainda que a maioria dos textos do estilo também apresente esse elemento – *Hiroshima*, de Hersey, os perfis e livros temáticos de Talese, a reportagem descritiva de Capote etc –, o posicionamento autoral e a relevância do trajeto percorrido pelo repórter para abordar o assunto são elementos fundamentais. Depois, a forma que a humanização e a utilização de personagens é feita na maioria das reportagens e matérias é quase formal, em uma aproximação fria das fontes, determinada por manuais.

A principal contradição da ideia, no entanto, reside no fato de que é justamente o *release* um dos mecanismos que fez definhir o jornalismo de rua, uma das principais exigências do jornalismo literário. Essas peças, uma forma de aproximação (interessada) de uma fonte e de democratização da informação para os veículos de imprensa, são um dos hábitos que fazem matérias inteiras serem feitas apenas por e-mails ou telefonemas. Pensando na possibilidade de um assessor indicar fontes para uma matéria aprofundada, talvez a principal pergunta seja: é possível encontrar histórias atemporais, profundas e literárias em meio à humanização calculada das assessorias? Com a resposta, nossos assessores de jornalismo literário.

ENTREVISTA

Nelson de Oliveira

Será que o século 21 já “chegou” para os nossos autores?

Nelson de Oliveira é um homem que gosta de polêmicas. Em nova antologia, ele causa discussão ao reunir os brasileiros que estão fazendo a literatura do “agora”

TEREZA YAMASCHITA/ DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Cristhiano Aguiar**

Na primeira década do século 21, foram publicadas duas antologias de contos que deram o que falar: *Geração 90 - Manuscritos de computador* e *Geração 90 - Os transgressores*. Ambas foram organizadas pelo escritor e crítico literário paulista Nelson de Oliveira e tentaram mapear autores relevantes que começaram a despontar na nossa literatura desde os anos 1990. Participaram, entre outros, autores como Marcelino Freire, Marçal Aquino, Altair Martins, Ivana Arruda Leite, Joca Reiners Terron, que nos anos seguintes à publicação das antologias obtiveram

considerável destaque. Por isso, a expectativa ao redor da *Geração 00*, também organizada pelo mesmo Nelson de Oliveira, e que será publicada em breve pela Editora Língua Geral já cria bastante expectativa: quem são os novos ficcionistas que ajudaram a definir a ficção nesta última década? É adequado agrupá-los ao redor do termo “geração”? A ficção no Brasil, hoje, tem o que dizer de relevante?

Em conversa por e-mail com o **Pernambuco**, Nelson de Oliveira aborda essas questões e trata de outros temas, como a importância da internet para a literatura, o crescente interesse pela ficção científica e a sua própria obra de ficcionista.

Quando organizou a *Geração 90*, você era um escritor que fazia parte do próprio grupo que compunha as duas antologias. O que te motivou a fazer mais uma, dez anos depois?

O convite partiu da editora. Em 2007, durante uma reunião editorial, nos ocorreu a ideia de uma nova antologia, reunindo os melhores ficcionistas surgidos na primeira década do século 21. Essa nova antologia formaria uma trilogia com as outras duas. Em 2004 eu publicara na revista *Idiosincrasia*, do Portal Literar, um artigo intitulado *Vida: modos de brincar*, justamente sobre a *Geração Zero Zero*. Esse artigo foi incluído posteriormente em meu livro *A oficina do escritor* (Ateliê Editorial, 2008). De certa forma, a ideia de uma nova antologia já estava latente em 2004. Faltava apenas um cutucãozinho do editor, para acordá-la.

Como se deu o trabalho de produção da antologia?

A pesquisa final levou três anos. Ao longo da década eu fui colecionando livros de estreia de novos ficcionistas de todas as regiões do país. As editoras e os próprios autores me enviaram muita coisa. Também pesquisei na internet, nas bibliotecas, nos sebos e nas livrarias. No final, preparei uma lista com 150 autores. O passo seguinte foi selecionar apenas 50, e então reduzir esse número para 21. Os dois principais critérios foram os mesmos usados nas antologias da *Geração 90*: o autor precisava ter estreado na primeira década do século 21 e ter dois ou mais livros publicados.

Na polêmica matéria da *Folha de S.Paulo*, a *Zero Zero* foi acusada de ser mero marketing literário. Gostaria que você comentasse como vê a questão da militância literária, tema que volta e meia causa polêmicas aqui em Pernambuco também.

Esta não é uma antologia convencional. Ela tem uma característica rara. As antologias tradicionais reúnem textos literários: contos, crônicas e poemas. Minha antologia reúne escritores. Ou seja, eu não selecionei os melhores contos publicados, mas os

“As antologias tradicionais reúnem textos literários: contos, poemas. Minha antologia reúne escritores

“Eu tenho enchido o saco de meus amigos, pedindo insistentemente que parem de escrever sobre os mesmos velhos temas

melhores ficcionistas, que foram convidados a produzir ficções inéditas para a antologia. Sobre o marketing, é importante não alimentar uma visão ingênua e idealizada. Vivemos numa sociedade capitalista, de consumo, e o livro é o principal produto do mercado editorial. Então é preciso aprender as regras do jogo para poder jogar bem. É bom lembrar que escritores, mesmo os geniais, também são humanos, demasiado humanos. Balzac foi o mestre do marketing. Proust desejava fama, prêmios e sucesso comercial. Por isso pedia ajuda, sem pudor algum, a todas as pessoas influentes que conhecia, para promover sua obra. Guimarães Rosa também escrevia aos amigos pedindo resenhas. Neruda usou todas as armas e artimanhas lícitas e ilícitas para manter o título de Maior Poeta das Américas e, mais tarde, para ganhar o Nobel. Alejo Carpentier era outro que não se cansava de fazer política literária: bajulava Fidel (García Márquez bajula até hoje) e chegou a dar palestras na Suécia, também de olho no Prêmio. E assim por diante. O marketing jamais diminuiu o valor da obra genial desses mestres.

Para justificar a existência de uma Geração zero zero, você defende, no prefácio do livro, que os 21 autores escolhidos possuem um traço em comum: o bizarro. Confesso, contudo, que conheço a obra de uma parcela dos escolhidos e os acho muito diferentes entre si! O que é esse bizarro na ficção contemporânea? Por que ele seria tão importante?

O recorte geracional empregado em minhas antologias é sempre temporal. No texto de apresentação eu escrevi: “Concordo que, por levar em consideração apenas o recorte temporal, minha definição de *Geração zero zero* pode parecer às vezes um pouco rígida e arbitrária. Mas, na minha opinião, isso não é um grande problema, porque qualquer definição geracional é, em essência, um pouco rígida e arbitrária. Se você disser que na *Geração 90* ou na *Geração zero zero* há autores e estilos muito diferentes, eu responderei tranquilamente que na *Geração Modernista*, na *Geração Regionalista*, na *Geração de 45*, na *Geração Beat*, na *Geração Mimeógrafo*, na *Geração Concretista*, na *Geração Web*, apesar de o recorte ser outro, também há autores e estilos muito diferentes. O mesmo vale para a *Bossa Nova*, o *Tropicalismo*, o *Cinema Novo*... O elemento bizarro não é, por esse motivo, a justificativa para a existência de uma *Geração zero zero*. Ele é, digamos, um bônus. Há pouco tempo fiquei sabendo que um irlandês chamado Michael Foley acabou de publicar um livro intitulado *The age of absurdity* (Simon & Schuster). Nele o autor defende a ideia de que o nosso cotidiano se transformou num amontoado de bizarrices. A busca da juventude eterna, o consumismo desenfreado e a solidão coletiva das redes sociais, por exemplo, estão injetando altas doses de *nonsense* na realidade. O jeito, sugere Foley, é aceitar que vivemos num mundo maluco. A melhor parcela da *Geração zero zero* está escrevendo justamente sobre essa realidade excêntrica.

Qual a importância da internet para a Geração zero zero?

A rede tem sido bastante útil como laboratório e área de testes. Os novos autores, justamente esses que têm a maior dificuldade em conseguir editor, encontraram na internet o local ideal para testar seus escritos. Mas não vejo nada mais além disso. Muitos dos novos prosadores brasileiros surgiram primeiro na maçaroca líquida da web. Apesar disso, a internet e suas redes sociais – sites, blogs, Orkut, Facebook, Twitter etc. – afetam essa geração apenas superficialmente. Se a internet prometeu, no seu primórdio, revolucionar a literatura por meio do hiperlink, essa promessa ainda não foi cumprida. Sites, blogs e miniblogs (Twitter) são ótimos veículos para a literatura, pois condensam numa só pessoa a figura do autor, do editor, do impressor e do livreiro. Também são ótimos veículos para a divulgação da literatura, espalhando resenhas e *releases*. Entretanto, essas ferramentas digitais não representam por si só uma nova linguagem literária. Aliás, a web ainda não conseguiu sequer modificar profundamente a estrutura literária *off-line*. Experiências hipertextuais como o *Livro*, de Mallarmé, ou *O jogo da amarelinha*, de Cortázar, ainda dão de dez a zero em qualquer experiência *online*.

No seu prefácio, você elenca uma série de acontecimentos históricos que marcaram a última década: a eleição de Lula e Obama, o 11 de setembro, o sequenciamento do genoma, entre outros eventos. Como a nossa ficção

está enfrentando tantas transformações históricas?

Muito timidamente. Nossos ficcionistas, de modo geral, ainda não foram afetados pelo século 21. Nos contos e romances contemporâneos, as grandes transformações históricas, sociais, científicas e tecnológicas quase não aparecem. Sua influência é indireta, implícita. Os poetas e prosadores brasileiros contemporâneos, os de 25 anos e também os de 90, olham mais para o passado do que para o presente ou para o futuro. Pela primeira vez na História, o ser humano está modificando fisicamente o ser humano, por meio de drogas, próteses e órgãos artificiais, e essa revolução ainda não está aparecendo explicitamente em nossa literatura. A crise criativa atual não é de forma, é de conteúdo. Eu tenho enchido o saco de meus amigos, pedindo insistentemente que parem de escrever sobre os mesmos velhos temas (dramas conjugais, epifanias intimistas etc.) e comecem a procurar outros, menos batidos. Qualquer dia desses, meus amigos me despacharão a pontapé para a Antártida (risos).

Da mesma forma, nossa ficção tem participado de algum modo dos debates intelectuais e culturais da sociedade contemporânea?

O violento choque de culturas é o grande tema do momento: o estilo de vida ocidental batendo de frente com o estilo de vida oriental. Estados Unidos versus China, Estados Unidos versus terrorismo internacional. ONU versus Irã. Democracia versus ditadura. Dias de fúria no Egito e

na Tunísia, protestos organizados e divulgados na internet. O mundo ficou menor no século 21. As várias culturas estão se acotovelando. Documentos, antes secretos, agora estão sendo compartilhados no WikiLeaks. Porém até agora não vi esse tsunami sendo tratado pela nossa ficção. É pena.

A Geração zero zero publica dois escritores que moram em Pernambuco: Sidney Rocha e Walther Moreira Santos. Em linhas gerais, qual a sua leitura desses dois autores e o que em suas obras mais chamou a sua atenção?

São dois autores muito diferentes, ambos talentosos à sua maneira. Tomei contato com a obra de Walther Moreira Santos há bastante tempo. Eu já ouvira falar um pouco dele quando li, em 2003, o romance *Helena Gold*. A ficção de Sidney Rocha eu fiquei conhecendo em 2009, quando sua editora me enviou a coletânea de contos *Matriuska*. A meu ver, a característica principal da literatura de Walther é a coragem de procurar no caos sádico e cruel do cotidiano um pouco da doçura e da inocência perdidas. Seus livros denunciam o mundo estranho e bizarro em que vivemos, pedindo um pouco de atenção aos afetos. Já a característica principal da literatura de Sidney é a atrevida e necessária subversão das regras da linguagem culta, da gramática, do bom senso, da lógica cartesiana. Em suas ficções passionais, de pontuação livre, dissonante, modernista, o registro oral seduz e subjuga a moral antiquada, passadista.

DEPOIMENTO



Precisava de um poema para não morrer

Micheline Verunschik

1. Do princípio das coisas - Gostaria de começar esse texto dizendo: "Fui amiga de Elizabeth Bishop, trocávamos cartas. Algumas das três mil cartas que deixou, eram endereçadas a mim". Mas, por um desses lapsos do tempo e do destino, quando eu nasci ela já havia completado 61 anos e quando ela morreu eu ainda nem pensava que seria meu ofício da poesia.

Para quem não sabe, e é possível que muitos não saibam, já que há alguns anos sua obra não tem nova edição no Brasil, Elizabeth Bishop foi uma das mais importantes representantes da poesia norte-americana do século 20 e talvez a voz

mais intensa de sua geração. Não por acaso, viveu muitos anos no nosso país que, se por um lado, a fascinou pelos caminhos do afeto, por outro não escapou ao olhar crítico e feroz às nossas mazelas: o Brasil é um horror.

Por muitos anos seu nome foi para mim um título de poema. Ele está em *Agrestes*, de João Cabral, que da poética de Elizabeth, diz: "Quem falar como ela falou/ levará a lente especial: não agranda e nem diminui,/ essa lente filtra o essencial". Eu tentava imaginar essa lente fantástica, invejava-a, desejava-a ardentemente para mim. Muitos anos se passaram. Me debrucei sobre a poesia de língua portuguesa, abrindo exceções para as de língua francesa e espanhola. E Elizabeth Bishop continuava sendo duas palavras gravadas num livro.

Ela chegou ao Brasil em 1951. Era órfã, lésbica, alcoólatra. E para completar o quadrado mágico da inadequação ao mundo e suas regras, poeta. Vai, Elizabeth, ser gauche na vida, soprou aquele anjo de Drummond (que ela traduziu), mas esse mesmo anjo não permitiu-lhe qualquer autoindulgência, qualquer confessionalismo. Assim, Elizabeth dotou-se de uma poética feita das negativas de si mesma, de construções de personas, mas ainda assim insistentemente fincada no real.

Aqui apaixonou-se por Lota de Macedo Soares, paisagista responsável pelo Aterro do Flamengo, e numa estadia que durou 16 anos, até o suicídio da companheira, morou no Rio de Janeiro, Petrópolis e Ouro Preto. Essa história de amor num momento sublime e em outro, trágica, numa época em que a

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

EDITORA

Jovens gaúchos criam editora que dá ênfase à literatura pop embora também publique romances mais ortodoxos

Antônio Xerxenesky (foto) é autor do romance *Areia nos dentes*, que mistura faroeste com zumbis. É sócio da Não Editora, criada em 2007 com o revisor e diretor financeiro Rodrigo Rosp, o capista Samir Machado, o diagramador Guilherme Smee e a assessora de imprensa Lu Thomé. "Nós escrevíamos, e queríamos que nossos livros recebessem edições bonitas e fizessem 'barulho' na mídia.

As editoras pequenas do estado nos frustravam e as grandes não prestavam atenção em autores inéditos", esclarece. Com ênfase na literatura pop, lançou três volumes das coletâneas *Ficção de polpa* (numa clara alusão à *pulp fiction*). A Não Editora também publica literatura "séria" ou ortodoxa, como o romance *Uma leve simetria*, de Rafael Bán Jacobsen, já tendo 17 títulos em seu catálogo.

ANDRÉ HILBERT/ DIVULGAÇÃO



HALLINA BELTRÃO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



revolução sexual se preparava ainda para eclodir, foi como uma ventania varrendo preconceitos e intolerâncias.

A casa em que as duas viveram em Petrópolis, na fazenda Samambaia, ganhou o primeiro prêmio da 2a. Bienal Internacional, de 1954. Essa casa modernista até o último tijolo, foi pensada pelo arquiteto Sérgio Bernardes de modo a dialogar com a natureza ao seu redor, com a água das chuvas, com a luz. A poesia de Elizabeth Bishop, radical no seu apelo ao cotidiano, é também modernista em todo o seu cimento. Ambas, casa e poesia, sólidas, estruturadas, luminosas.

2. Um encontro e um desencontro - Estou no Recife, na rua da Aurora. O ano é 2007. O dia quente, cores e imagens que tremulam na superfície do rio e me espanto mais uma vez que da beleza possa subir cheiro tão podre. O sinal fecha e eu de dentro do carro vermelho vejo a jovem mulher negra. Não, quase negra, despelada. Sua magreza se deve ao crack? É bem possível. Ela tem olhos transtornados

e um sorriso quase voluptuoso que absolutamente não combina com a decadência em que se encontra.

Sua pele escura está roída em extensões enormes ao longo do corpo. Sarna. Um homem a segura em torno da cintura e ela gargalha. Faz menção de limpar o para-brisas mas o sinal abre. Por baixo das feridas inflamadas, ela, no seu top e short curtíssimos, é cor-de-rosa.

A imagem da moça me dilacera pelo resto do dia. Penso numa cadela cor-de-rosa. Penso na inviabilidade daquela moça. Penso num poema que não chega. Precisava muito ver um cão sarmento. Precisava tocá-lo. Precisava de uma outra imagem que se colasse à da moça sem nome do farol da Rua da Aurora. Precisava de um poema para não morrer.

Vou ao Google e não digito cão sarmento. As letras surgem uma atrás da outra: cadela cor-de-rosa. E pelos labirintos do mecanismo de busca, encontro Elizabeth Bishop. O poema *Cadela rosada (Pink dog)* me esbofeteia. Porque era o poema que eu precisava, porque era o poema que eu queria fazer, porque em um dia nas ruas do Rio de Janeiro uma mulher viu um cão sem plumas e o tornou metáfora da degradação a que homens e mulheres eram (e são) submetidos historicamente em nosso país.

Na época em que Elizabeth começou a escrever esse poema, nos anos 1960, as manchetes dos jornais denunciavam que mendigos cariocas eram assassinados pelo Esquadrão da Morte e desovados no Rio da Guarda: "Sol forte, céu azul. O Rio sua./Praia apinhada de barracas. Nua,/passo apressado, você cruza a rua./Nunca vi um cão tão nu, tão sem nada,/sem pêlo, pele tão avermelhada.../Quem a vê até troca de calçada(...)". No poema, Elizabeth usa de uma ironia enxuta para a construção de um caráter nacional perverso, tendo na imagem do carnaval carioca e na exuberância da paisagem do Rio a tradução precisa para a ambiguidade brasileira.

A cadela rosada se transfigura nos mendigos exterminados, que se transfiguram por sua vez na moça do sinal da rua da Aurora, que rebate em mim como os 13 tiros que o bandido Mineirinho levou e que feriram a crônica de uma outra estrangeira, Clarice Lispector.

Naquela noite, numa chácara perto do Recife, chorei. Levantei no sábado às 5h30 da manhã e chorei ainda mais entre jaqueiras, mangueiras e pássaros abusados.

A poesia era inviável para mim.

3. Outro encontro - Desse dia em diante Elizabeth Bishop e as duas palavras do título de Cabral, se encontraram. Poeta das coisas exatas, da simplicidade, das perdas e do ritmo irregular, das paisagens e do olhar que sai de si e nesse ato encontra o mundo até nas coisas mais prosaicas. Em 2011, Elizabeth Bishop completaria 100 anos. Morreu em 1979, pouco tempo depois de concluir *Cadela rosada*. Mais do que a festa discreta que se celebra nas páginas dos jornais, periódicos e nas palestras, novas gerações esperam por encontrá-la. Há 11 anos sua obra não é reeditada no Brasil. Mas nunca é tarde. A arte de perder guarda a possibilidade do encanto de encontrar.

E essa quase carta é para ela e para a moça sem nome do farol da rua da Aurora.

Micheline Verunschik é escritora, autora de *A cartografia da noite*.

PRAZER DE LER

Editora de livros infanto-juvenis prega a gratuidade

Pertencente ao Grupo Gráfico Stamp, um dos mais fortes da área no Rio de Janeiro, a Escrita Fina Editorial, coordenada por Laura van Boekel Cheola, estreia lançando quatro livros destinados ao público infanto-juvenil. Para ela, o caminho mais eficaz de apresentar literatura aos jovens "é aquele que apregoa o escritor francês Daniel Pennac: o da gratuidade da leitura. Ela deve ser oferecida ao jovem sem cobranças". Nem didatismo.

JUVENIL

Edições Bagaço lança romance dedicado ao público juvenil, que retrata com muito realismo o universo do crack

A Edições Bagaço está publicando o romance para público juvenil *O perigoso caminho das pedras*, de José Teles. O livro trata do envolvimento dos jovens com a única droga que, além de relativamente barata, foi criada especificamente para viciar as pessoas que a provam, o crack. Mostrando cruamente seu efeito devastador, José Teles conta a história de um casal de adolescentes de rua mais uma

moça de classe média, cujos caminhos se cruzam em função do vício. Apesar da barra pesada, inevitável no trato de tal assunto, o final é (mais ou menos) feliz. O que, infelizmente, quase nunca acontece na realidade. Segundo a professora Maria Theresa Aquino, da UFRJ, em um dos documentos e depoimentos que acompanham a narrativa, "de todos os pacientes de crack que atendi, perto de 200, de 2008 a 2010, só recuperei um".

A CEPE - Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
 - Contribuição relevante para Pernambuco;
 - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português, que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
 - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade);
 - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
 - Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor;
 - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, notadamente os casos de:
 - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
 - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR - Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 - CEP: 50100-140
Santo Amaro - Recife - PE
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-7700

Cepe
EDITORA

SECRETARIA
DA CASA CIVIL

GOVERNO DE
Pernambuco

CAPA

Um homem discreto não guarda mistérios

Mesmo sem reviravoltas, vida de Machado de Assis permanece nos fascinando

Eduardo Melo França

Em 2010, Marcos Lucchesi, professor de literatura da UFRJ, lançou o romance *O Dom do crime*, no qual brinca com a possibilidade de um crime real, acontecido em 1866 no Rio de Janeiro, ter sido a inspiração para Machado de Assis escrever *Dom Casmurro*. Lucchesi, que de bobo não tem nada, de cara já se defende da crítica mais imediata que poderiam fazer sobre uma suposta intenção do seu romance. Sobre o tal crime, ele diz que “há claras ressonâncias com o livro de Machado, mas um fenômeno literário não pode ser reduzido a um processo histórico. Usei a ficção para preencher algumas lacunas da realidade.” Ele sabe que uma grande obra literária como *Dom Casmurro* não se esgota e muito menos pode ser plenamente compreendida a partir do contexto histórico no qual foi gerada ou que reflete.

Quando em 2008 teve a ideia de escrever algo sobre Machado, Lucchesi fez uma longa pesquisa e, como já poderia suspeitar, não encontrou qualquer material inédito sobre o autor de *Dom Casmurro*. Ainda somos românticos e sentimos a necessidade de acreditar que todo grande escritor teve uma vida típica de romance; intensa, com dramas, sofrimentos, paixões e revoltas. Mas, admitamos, a vida de Machado de fato foi quase sem graça. Quase, porque não dá pra negar que sua trajetória impressiona. Neto de escravos alforriados, filho de um pintor de parede, orfão de mãe aos dez anos, enteado de uma doceira e, ao que tudo indica, autodidata, esse mulato epilético, gago, magro e feio, conseguiu ainda em vida não apenas ser reconhecido como o maior autor das letras brasileiras, mas também ocupar um cargo de alta direção no Ministério da Viação (o que seria hoje o dos Transportes). Nesse meio tempo, entre uma gaguejada e um supapo epilético, comprou uma casa no Cosme Velho, lutou pela Abolição, fundou a Academia Brasileira de Letras, escreveu contos, romances, poemas e peças teatrais; conheceu D. Carolina, o amor da sua vida, teve uma grave doença por volta dos 40 anos, se relacionou com o que na época era a nata da intelectualidade carioca e morreu viúvo, doente, ateu e melancólico, mas reconhecido e homenageado com o caixão carregado pelos maiores intelectuais da época. Tudo isso aconteceu sem sobressaltos, reviravoltas, conchavos ou heranças. Assim como sua paixão por D. Carolina, enorme, mas estável e sem filhos. Fora isso, quase tudo são detalhes e especulações. As suas biografias se repetem e diferenciam-se uma das outras apenas pelas diferentes perspectivas de abordagem ou de tentativas inglorias de relacionar sua vida e obra.

Duas questões até hoje incredivelmente são impostas à obra de Machado em tom de mistério. A primeira delas é saber como um sujeito com as suas condições sociais, raciais e psicológicas foi capaz de surgir no cenário literário do Brasil do século 19 e escrever uma obra tão profunda e revolucionária do ponto de vista formal. A segunda, é a falta de uma justificativa definitiva para o fato de Machado de uma hora pra outra, sem dar explicação, como que num toque de magia, deixa de ser um autor romântico e a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas* se torna o maior romancista de língua portuguesa e um dos maiores do ocidente. Ambas as questões continuam com áurea de mistério por dois motivos. Simplesmente porque muitos ainda insistem em procurar na biografia do autor as respostas para a sua obra. Depois, porque permanece a insistência em compreender o desenvolvimento literário de Machado inserindo-o numa perspectiva nacionalista e evolutiva da construção da literatura brasileira.

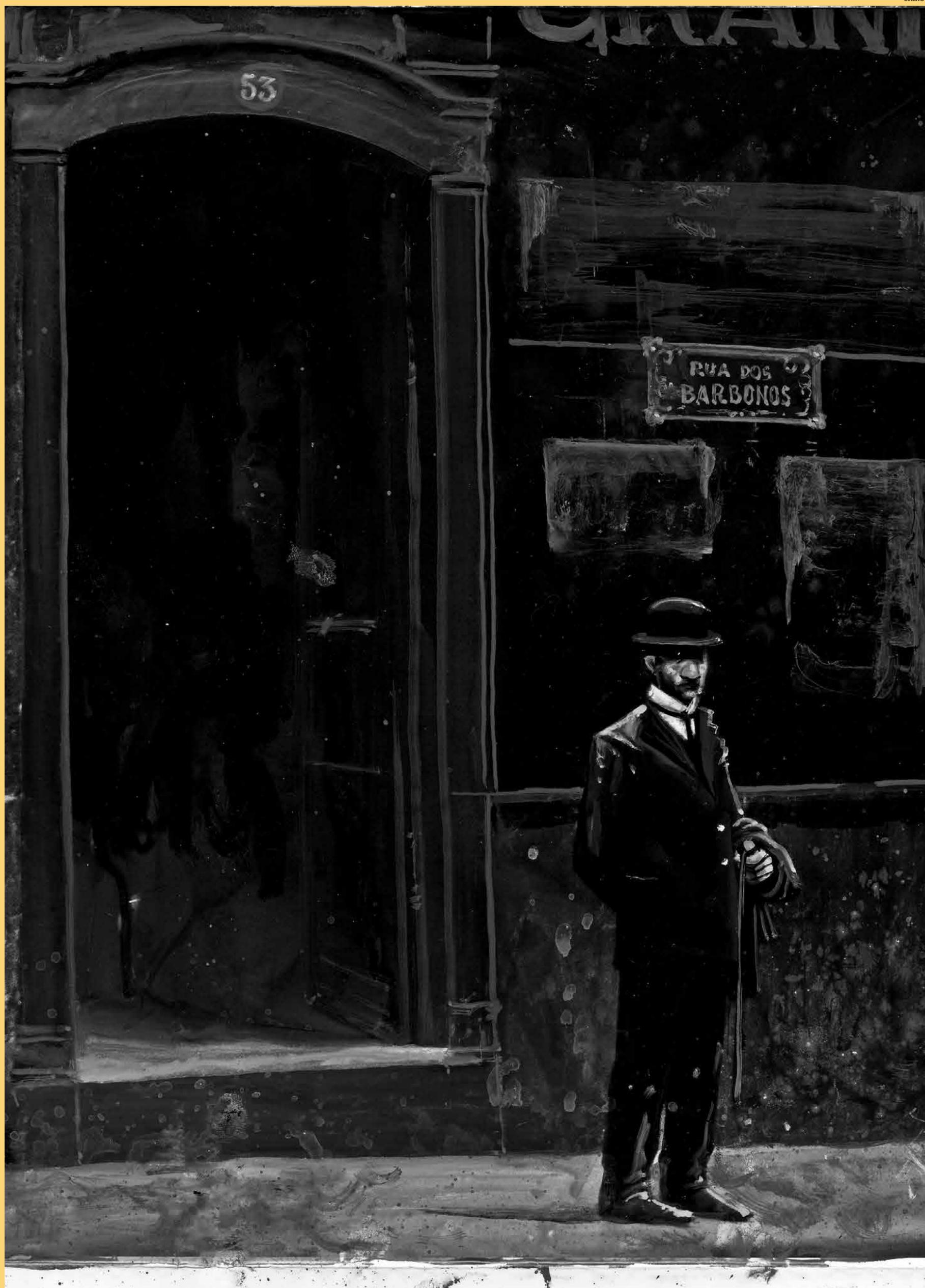
Gago, mulato e de origem humilde. Esses três elementos são lembrados sempre que se pretende ressaltar o brilho e a capacidade de Machado em superar dificuldades. Seu surgimento no cenário brasileiro do século 19 é tomado como um mistério, inexplicável ou surpreendente, simplesmente porque ainda hoje ao retomarmos essas três características, como fundamentais na vida do escritor, acabamos nutrindo uma mesma crença típica do século 19. Talvez não percebamos, mas continuar perpetuando esses enigmatismos do sucesso de Machado apesar da gagueira, mulatice e origem humilde é a manutenção do pensamento obtuso de Sílvio Romero, que revela através de sua crítica literária um claro reducionismo biopsicológico. Tanto para Sílvio Romero quanto para Afrânio Peixoto, a fragmentação, não discursividade, digressão e não linearidade narrativa de Machado eram consequência, pasmem, de sua gagueira! Até quase 1930, evidentemente antes de *Casa-grande & senzala* de Gilberto Freyre, a crítica brasileira se orientava pelas noções de raça e natureza, o que explica a grande recepção do positivismo, do evolucionismo e do racismo em terras tupiniquins. O sucesso de Machado continua como um mistério a ser solucionado porque suas características biológicas permanecem mais ressaltadas do que sua capacidade de estudo, leitura e conhecimento acerca dos acontecimentos sociais e literários do Brasil e do exterior. É impossível não citarmos que esse mesmo genial Sílvio Romero teve a brilhante ideia de através da miscigenação com o povo europeu embranquecer e elevar a raça e a capacidade intelectual do brasileiro.

O sucesso de Machado tem explicação e não se trata de nada do outro mundo. É preciso que se diga, de fato ele veio de origem humilde e tinha um avô negro e alforriado. Mas ele não era pobre. Nunca passou necessidade e quando criança usufruiu dos privilégios de sua família ser “agregada”, uma espécie de classe média humilde, mas que usufruía de alguns benefícios como o apadrinhamento de uma outra família rica e mesmo de se valer dos serviços de escravos. Levando em conta sua classe social, sua educação foi atípica. Apesar da falta de dados, tudo indica que ele frequentou escola e seus pais, além de sua madrasta, sabiam ler – algo extremamente raro pra época. Machado também não era o sujeito tímido, como muitos supõem por conta da gagueira. Pelo contrário, desde jovem soube se relacionar com pessoas que lhe ajudaram e lhe abriram portas. Foi amigo de Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Olavo Bilac e Joaquim Nabuco.

Mas o maior (não) mistério da obra de Machado de Assis, e que também tem a ver com a necessidade da construção de uma biografia diferenciada para o autor, é o nascimento do que se convencionou chamar de sua segunda fase ou fase realista. De forma geral, essa mudança de prumo na literatura de Machado é justificada a partir de dois pontos de vistas insuficientes e que no final das contas, apesar de parecerem contrários, tocam-se de forma muito sutil e discreta.

A primeira delas, mais biográfica, quase mística e que reforça ainda mais uma áurea de mistério, defende que a mudança de estilo se deu quando ele por volta dos 40 anos teve um piripaque generalizado, que além de pôr em risco sua visão, incluía retinite, indigestão, insônia e o agravamento dos seus ataques epiléticos. O mulato do Cosme Velho estava mal. Subiu a serra, retirou-se por um tempo em Nova Friburgo e como num toque de magia ou num misto de renascimento espiritual e intelectual descobre sua própria genialidade e do nada escreve as

SHIKO



CAPA

SHIKO



Memórias póstumas de Brás Cubas. Somado a esse argumento extremante racional que mistura drama, doença, mistério, epifania, uma boa dose de espiritualidade e genialidade súbita, imagina-se que Machado – o mesmo pessimista, irônico e estoico que encontramos em textos como a *Sereníssima República* – sensibiliza-se com a crise na monarquia de Dom Pedro II e com o crescimento das ideias republicanas. Resumindo, desse ponto de vista, o mistério da mudança de estilo machadiano seria justificado por um outro mistério pessoal, que passa por uma santa estadia em Nova Friburgo e envolve um profundo desgosto em relação à sua pátria amada.

A segunda tentativa, mais sistematizada, acadêmica, coerente e que até hoje permanece como a mais popular dentre as linhas de estudo machadiano é a sociológica. Encabeçada pelo marxista lukacsiano Roberto Schwarz, essa leitura nunca tomou a obra de Machado isoladamente e muito menos como reflexo de sua psicologia ou de seu processo individualizado de criação. Pelo contrário. Tudo é simultaneamente fruto e reflexo da sociedade que circunscreve o autor e a escrita de sua obra. Para Schwarz, são dois os grandes méritos da obra de Machado. Primeiro, denunciar uma espécie de salada intelectual, resultado do descompasso entre a adoção por parte da elite brasileira de ideologias iluministas e modernas, mas que na realidade contrastavam com as velhas práticas patriarcais, católicas e escravocratas. Depois, o fato de

Machado ter articulado forma e conteúdo, fazendo com que seu romance refletisse a crítica social através do próprio modo narrativo.

A obra de Machado vem suportando as mais variadas e avariadas leituras. A de Schwarz é uma das mais importantes e que possivelmente possui o maior número de adeptos. Não é sua interpretação que estamos olhando de perto, mas a qual justificativa ele atribui a suposta passagem de Machado do romantismo para o realismo. Lá no fundo, nas entrelinhas de sua obra, para o crítico marxista, essa virada machadiana, quando ele passa a refletir criticamente a sociedade brasileira do século 19, é resultado de um processo de ascensão social. Por maior que seja sua intenção em incluir as *Memórias póstumas de Brás Cubas* num esquema absolutamente sociológico, Schwarz acredita que Machado após anos de luta e de viver entre os agregados e os que compõem a base da pirâmide social, conseguiu um lugar respeitável e confortável entre a elite carioca do seu tempo. Machado a partir de então teve condições de olhar de dentro a máquina da elite aristocrática, bacharelesca e criticá-la de forma implícita. Pelo incrível que pareça essa perspectiva também incorre no mesmo erro de atribuir a elementos pessoais a justificativa para a mudança de Machado.

Falta-nos o mais importante: como não recorrer a situações pessoais para justificar e compreender a virada de rumo que ocorre na obra de Machado na década de oitenta? Talvez pareça demasiadamente

A obra de Machado vem suportando as mais variadas leituras. A de Schwarz é uma das que possuem mais adeptos

heterodoxo, mas ainda resta a possibilidade de investigarmos o grande segredo da virada machadiana se partirmos de um ponto estranho, mas, quem sabe, esclarecedor: sua própria obra. Machado de Assis era um autor obsessivo. Ele escreveu muito e de diferentes formas sobre os mesmos temas. O desenvolvimento completo de sua obra, desde o seu primeiro conto até o último romance, apresenta uma constante articulação e desarticulação da forma, assim como um irreversível aprofundamento e redirecionamento de temas psicológicos, filosóficos e sociais. A receita machadiana não nasceu pronta. Ele precisou pisar e repisar nos mesmos temas, arrumar e desarrumar a forma e articular um perspectivismo filosófico com uma narrativa relativista até que sua pena desse o ponto e encontrasse a liga que lhe permitiu escrever as *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Quase metade de todos os contos e romances escritos por Machado foi publicada até a década de 1880 – momento da sua redefinição literária. Por isso, ao invés de simplesmente acreditarmos que a grande virada de sua obra seria decorrência de uma crise espiritual aos quarenta anos ou de sua tão almejada ascensão social, preferimos compreender a mudança de seu estilo e perspectiva como um processo de desenvolvimento literário, no qual as formas e os temas trabalhados ainda embrionariamente no primeiro momento de sua produção (entre 1858 e 1880) seriam posteriormente (após 1880) retomados e desta vez expostos principalmente com mais ironia, excelência, economia formal e profundidade psicológica.

Machado não renasceu ou se transformou completamente na década de 1880. Mas, sim, amadureceu. Afirmamos com segurança que todos os temas que tratou com profundidade e apuro formal em seus melhores trabalhos podem ser encontrados facilmente entre seus primeiros contos, romances e peças. Assim como também suas concepções de arte, literatura, teatro, sociedade e nacionalidade já haviam sido expostas entre suas crônicas publicadas ainda na década de 1870. É absolutamente reducionista a teoria de que seus primeiros trabalhos nada têm a ver com sua obra madura e que existem inexplicavelmente como que dois Machados de Assis.

A inserção de Machado na literatura brasileira só será devidamente compreendida quando nos resguardarmos da necessidade do senso de continuidade (de uma tradição literária nacional fechada) e admitirmos que ele representa uma total ruptura dos códigos literários praticados no Brasil, e porque não dizer, no ocidente do século 19. É impossível um autor escapar da sua realidade. O Brasil inevitavelmente faria parte de sua pauta e estaria em seus romances e contos. Mas a construção de sua forma revolucionária e seu lugar na história da literatura brasileira continuará um mistério enquanto permanecermos tentando inventar um suposto processo de continuidade literária entre Machado e seus contemporâneos brasileiros românticos e realistas.

Se em Montaigne, Pascal, Schopenhauer e na *Bíblia* reconhecemos a origem de muitas das ideias psicológicas e filosóficas de Machado, seu amadurecimento formal veio menos de seu contato literário com Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antonio de Almeida ou José de Alencar e mais com Sterne, Cervantes, Rabelais, Sêneca, Swift e Luciano de Samósata.

Eduardo Melo França é doutorando em Teoria Literária pela UFPE.

Ah, vida, vida, quanto mais chata melhor!

De como Machado de Assis soube usar a monotonia a seu favor

Raimundo Carrero



Marco Lucchesi misturou seus personagens com a biografia machadiana

É possível que Machado tenha tido uma vida de monótona a chata. Mas não vamos exagerar de cara: talvez seja razoável dizer que ele teve uma vida discreta. Fofocas e lendas a seu respeito sempre nos perseguem. Uma das mais famosas fala, pelo menos, de um triângulo amoroso, envolvendo outro escritor famoso. Carlos Heitor Cony, por exemplo, conta, em longo artigo, que a mulher de José de Alencar teve um filho de Machado de Assis. Chamava-se Mário de Alencar e pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Coisa de pai para filho.

Machado de Assis sempre soube usar, e muito bem, o dom do mistério, que rondou sua obra, desde o subestimado *Helena*, por exemplo. Neste romance, as relações entre a protagonista e o pai se mantêm misteriosas até as páginas finais. Mais tarde escreveria a *Missa do galo*, que veio a se constituir num conto antológico, sem esquecer, é claro, o discutido e polemico *Dom Casmurro*. Todos envolvidos na dúvida, essa permanente companhia machadiana.

Sabe-se, por exemplo, que ele escrevia, inicialmente, em jornais para moças. O que o obrigava, no século 19, a usar a sutileza e a elegância, além do mistério para fazer “passar” seu olhar *sui generis* sobre o mundo. No fundo, ele sabia que precisava melhorar muito. Veio a famosa crise dos 40 anos. Mas que crise é essa? Dizem os seus biógrafos que Machado tinha constantes surtos de tristeza e melancolia – que hoje aprendemos, enfim, a chamar de depressão –, sofria da vista e queria mais consistência na obra. Foi Carolina quem o ajudou. E daí saiu um novo Machado, mais técnico, aproveitando os seus melhores dons. Feito o dom do mistério – que Lucchesi chama de o dom do crime.

Passou a ler os ingleses com mais insistência. *Dom Casmurro*, por exemplo, deu-lhe o completo amadurecimento. É o romance, por assim dizer, digressivo. A ponto de usar um narrador – conforme afirma Fernando Sabino – com função. De digressão. Sabino identifica no romance, pelo menos, dois narradores – Bentinho, narrador oculto, e Dom Casmurro – narrador digressivo. Por isso mesmo, a narrativa torna-se cada vez mais misteriosa. Misteriosa a narrativa, misterioso o Machado.

Além disso, usou a estratégia do *Otelo*, de Shakespeare, invertendo a posição dos personagens. Bentinho, e que deveria ser Otelo, para a estrutura interna da obra, passa a ser Iago, para enganar e seduzir o leitor. Não permite que Capitu se defenda, nem lança luzes sobre o comportamento dela através de outros personagens. Assim ela se

transforma em personagem de criação indireta, ou seja, personagem que só pertence a Bentinho. Fora dele, ela não existe. Como ela não se defende, nem outro personagem pode defendê-la, o mistério se aprofunda. O leitor torna-se vítima de Bentinho/Iago e não de Bentinho/Otelo como é de se esperar. É preciso lembrar, ainda, que o nome de Bentinho é Bento Santiago.

Perceba-se, dessa maneira, que Machado tinha o dom do mistério, mas tratava-o com consciência técnica. Nada espontâneo, intuitivo, mágico. Sabia como tratar cada coisa conforme a necessidade. Para isso, estudou muito e contou com a ajuda de Carolina, que, entre outras coisas, revisava os seus textos.

Para quem viveu entre tantas mulheres, a maioria ficcionais, o escritor não precisava de muito. Não é fácil conviver com Capitu e Conceição – personagem de *Missa do galo* –, dormindo e acordando com seus mistérios e sinuosidades.

Marco Lucchesi abre o seu primeiro romance *O Dom do crime* com uma digressão que aborda, justamente, a saúde do Bruxo do Cosme Velho ou do personagem central, como sabermos quem é quem? Ah, esses mistérios de Machado: “O doutor Schmidt de Vasconcelos sugeriu-me um livro de memórias. Seria uma forma de não deixar em branco o meu passado, além do benefício de espantar os males das velhice. Não todos, que são muitos, alguma parte, talvez, algum resíduo. Decidi seguir o seu conselho, não sem temores e incertezas, diante de um passado cuja imagens se revelam confusas, imperfeitas, como se fossem um mosaico inacabado, ninguém do que fui ou deixei de Ser. Procuro abrigo à sombra das estantes. Cheias de livros e remédios, filosóficos e alopáticos. Meu pobre estômago em pedaços, ou rins alquebrados, os olhos míopes ou astigmáticos. Sinto uma forte atração pela homeopatia, argumento de peso para me libertar do alto custo dos venenos ministrados pelo doutor.”

O LIVRO



O Dom do crime
Editora Record
Páginas 160
Preço R\$ 29,90

ESPECIAL TRADUÇÃO

Ser guiado pelo “fantasma” de Pierre Menard

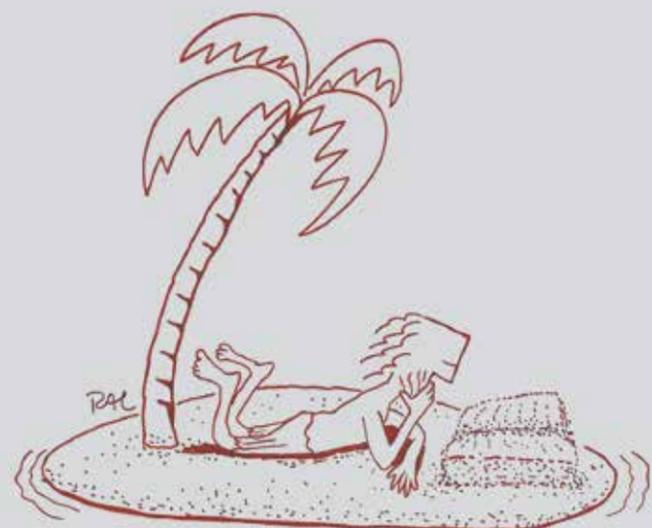
Tradutor da edição nova de *Ulysses* pela Penguin reflete sobre seu trabalho

Caetano Galindo

1. Eu escrevi o *Ulysses*, de James Joyce.
Deixando bem claro: ele escreveu primeiro, mas aí eu escrevi também.
(Eis o mistério da tradução.)
Como na história da-quele Pierre Menard, de Borges, que escreveu o *Quixote* inteirinho, linha a linha alinhadas iguais. Mas, como diz lá o narrador, bastava comparar as duas versões pra ver que, meu amigo, a diferença saltava aos olhos. Pois, dito agora, o *Quixote* não podia mais dizer as mesmas coisas; sua leitura era nova, diferente, por vezes até contraditória; e o livro novo de Menard tinha todo o direito de se considerar um clássico por conta própria. De seu tempo e seu local.
E Borges, como sempre, tinha razão.
Ou Bakhtin.
É impossível reescrever. É impossível redizer. Todo redito é dito novo. Fundador, de alguma maneira. Quem dirá um dito que desdiz até a língua de seu “texto base”, daquele *original* que de certa forma esteve lá antes e agora pega o tradutor pela mão e dita caminhos e orientações.
Mas quem caminha, ora, sou eu.
Você pode me achar megalômano. Mas, quer saber?, eu recomendo a experiência. De pegar um livro que de repente você percebe que *ama* mais que a média. Que você cobiça. Um livro que você queria que fosse seu todo inteiro. E tomar posse. De uma vez.
Foi Coleridge quem disse que a gente não lê em busca das boas ideias dos outros; o que a gente faz é encontrar nos outros ideias que sempre foram nossas. E que por isso nos fazem tanto sentido.
Assim, sem mais nem menos.
Mesmo perdidas entre outras que podem, por sua vez, dizer mais a este ou aquele outro fulano. Mas aquela, *aquela* ali era minha.
Vai que com livro é assim também?
O que eu sei é que eu encontrei no *Ulysses* o meu melhor livro, que eu jamais teria a capacidade de conceber, planejar, executar, levar a cabo. Mas agora que Joyce já tinha feito, veja bem, eu podia escrever o livro de novo. Todo meu.
Mas, meu amigo, quanta diferença.
Eu li o *Ulysses*, de James Joyce.
De uma forma normalmente inacessível (tempo, tempo, tempo) aos leitores de todo dia.
Eu li sem alibi.
Sem poder deixar de entender ou encaixar ou fazer funcionar. *Fazer* sentido.
Eu não podia só olhar o relógio e achar bonito. Eu tinha que ir lá meter o dedão, espanar o bicho, desmontar e remontar, e garantir que funcionasse de volta.
Eu tive que (tentar) sozinho resolver todos (todos?) os problemas do *Ulysses*. Referências, trocadilhos, achados, belezas, gracinhas, parâmetros (tem um episódio todo que precisava, e foi, escrito segundo modelos-paródias de diversos momentos da história do português, do século 18 pra cá). Ficou tudo sob minha responsabilidade.
Durante dois anos, diariamente; há mais seis, em banho-maria e revisão.
E agora pedem que eu entregue.
Tudo bem.
Eu li o *Ulysses* dele.
Escrevi o meu.
Agora é justo que você possa ler o nosso.
Esteja à vontade (fique bem claro).

2. Mas, ao mesmo tempo, como eu não sou de todo desprovido de responsabilidade, a ideia da finalmentística publicação da minha tradução acarretou o redobro de certas responsabilidades, de certas necessidades, o de encarar algumas barras finais.
Como assim?
“Como assim?”
Primeiro, é claro que eu não entrei nesse projeto sem a perspectiva de uma publicação.
É bem verdade que o objetivo primeiro da tradução era fazer parte da minha tese de doutorado. E só por isso ela já bastaria. (Como me bastaria, e me tem

bastado, somente como realização pessoal. Tarefa cumprida. Exercício realizado. Livro mastigado.) Mas traduzir um livro é escrever um livro, lembra?
E quem escreve quer publicar. Ah, quer.
O problema é que a publicação da tradução da professora Bernardina Pinheiro da Silveira apareceu (sem aviso, pra mim aqui distante dos círculos editoriais do Rio-SP) no meio do meu trabalho. E postergou quase que indefinidamente qualquer esperança de ver meu livro pronto assim tão cedo. Como livro.
Jogou pra agora.
E ficamos, eu e o *Ulysses*, aqui quietinhos, esperando a janela boa.
Nesse meio tempo é claro que ele não ficou morando. Mexi no texto aqui-ali, conforme alguém me pedia um trecho pra uma leitura, um evento; reli o original mais umas vezes, dando aulas sobre ele na graduação e na pós-graduação; aprendi um monte de coisa que não sabia sobre o *Ulysses*, miúdo e graúdo; ouvi a gravação integral do romance no meu iPodinho. Mas a revisão temida, aquela, que teria de retomar o livro inteiro, cotejando de novo com o original, pondo em prática tudo que eu tivesse conhecido durante esses anos, ia sendo, e compreensivelmente, adiada.
E, de temida, a cada vez ia ficando mais tentadora.
Pois que eu estava prestes a escrever o *Ulysses* de novo.
(Como Joyce, diga-se de passagem, que praticamente refundou o livro durante o processo de revisão das provas de impressão.)
E comecei.



HALLINA BELTRÃO



homem chamado bala... con la pi... HE ENTERPRISE... Non si gioca con la p... News of the World... All the News of the World... URBAN... Znaj наших... In fraude multimilionario que podri... Juntar dois tradutores pra... que consiga comparar as duas...

E, como diria o Nascimento, eu agora conhecia os problemas que tinha que enfrentar e, quando eles vieram, pra minha imensa sorte, eu não estava sozinho.

Juntar dois tradutores pra falar durante horas só sobre o seu trabalho é uma experiência singular.

que consiga comparar as duas, aquela e a que estiver finalizada em 2012, encontre coincidências da ordem de, sei lá, muitíssimo %. Ou mais.

Porque, por caminhos que nem vale a pena mapear de tão confusos, acabou que tive a sorte imensa de contar, nessa reta final, com a melhor casa editorial possível (a Companhia das Letras e, dentro dela, o selo Penguin-Companhia, e, nele, a edição de André Conti) e, no detalhe, com as melhores condições de trabalho.

Tradutores são gente meio autista, muito acostumada a trabalhar sozinha com seus fantasmas, seus autores, seus problemas. Ter a chance de discutir essas coisas todas, muitas vezes uma a uma, com um “colega” que já trabalhava com isso quando eu nasci e que tem um talento incomensuravelmente maior do que o que eu posso vir a ter em algumas décadas, é uma coisa bem sem par, sabe?

É bem possível que uma leitura cursiva ache que apenas demos tratos à bola num canto e no outro durante essa revisão final. Mas eu, por mim, tenho certeza absoluta que uma leitura verdadeiramente atenta vai ver entre esses dois textos a diferença que se espera entre o trabalho, pra começar, de um tradutor quase virgem naquele momento e, agora, mais vividinho; mas, acima de tudo, acredito mesmo que esse leitor, aquele, o “atento”, pra quem a gente escreve as traduções, o cara que vai entender o esforço por vezes detrás do sutil ao invés de catar o erro no gritante pontual, não vai poder escapar da percepção de que este tradutor aqui, que trabalhou durante dez anos depois de se meter a fazer o *Ulysses*, ganhou mais vinte de experiência nesses dias passados no Rio de Janeiro, na melhor das companhias.

Pois quando se formalizou a presença de Paulo Henriques Britto como “coordenador editorial” do novo *Ulysses*, o que o projeto ganhou foi nada menos que a colaboração do melhor tradutor de inglês do Brasil. Que, mais que isso ainda, é um grande leitor de Joyce.

Ele traduzi o *Ulysses* entre 2002 e 2004. Ele foi revisado inteiro em 2006. Mas é agora, entre 2010 e 2011, via internet também, mas acima de tudo na incrível varanda carioca da casa do mestre Britto (onde eu me sinto quase da família já [e, amigo, pra fazer um curitibano dizer isso, só a acolhida do casal Paulo e Santuza]), é só agora que o livro está ficando realmente vivo.

Só nós e o livro. Só nós e O livro. Dois “devotos”, Leopold Bloom, Stephen Dedalus, Molly Bloom, James Joyce. Tomara, tomara mesmo, que isso funcione pra você. Que essa tradução seja o necessário passo além. Houaiss apresentou o livro ao Brasil. Bernardina desmistificou certa aura de “seriedade”. Falta ainda um *Ulysses* com todas as cores.

E é aqui que estamos agora. E é disso que talvez eu possa falar um tanto, informar um tanto mais. (Porque, convenhamos, o meu processo de tradução? É assim, ó: eu sento, olho o original, penso numa coisa que eu ache legal como tradução e escrevo essa coisa que eu acho legal como tradução em português. *Pfuit*. Durante umas centenas de horas e de dias. Anequitas etc.? Minha memória é fraca... A tradução de prosa tem muito mais de lida que lirismo.)

Corrigimos coisas. Melhoramos tons. Bato o pé ali, e defino soluções de que ele não gosta. Baixo a cabeça aqui e aceito que ele viu melhor. Exultamos juntos quando achamos uma saída mais refinada. (E aqui vale uma nota: “refinado”, no romance, às vezes pode ser o mais tosco possível. Deve ser engraçado ver o quanto nos empolgamos os dois procurando, quando necessário, a solução mais feia, mais dura, mais deselegante... porque era isso que o texto pedia naquele momento. O repertório de Joyce é sem-fim, e mais ecumênico que qualquer coisa por aí.)

Se for o meu, tanto melhor. Mas se for o meu, é que terá sido nosso, antes de teu. Mas se for o meu, é que terá sido nosso, além de teu.

3. Juntar dois leitores do *Ulysses* durante horas pra falar só sobre o livro é um imenso privilégio. Parecemos dois tios orgulhosos do sobrinho pianista que se apresenta na sala Cecília Meireles. “Como é bom, né?”

Aquela versão, de 2006, vai continuar disponível, na tese, na biblioteca da Universidade de São Paulo. E é bem possível que algum programa de computador

Caetano Galindo é professor de linguística e de estudos da tradução na Universidade Federal do Paraná. Como tradutor, já “escreveu” livros de Charles Darwin, Thomas Pynchon, Tom Stoppard e Ali Smith.

História, arquitetura, memórias e literatura em livros de qualidade



EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL
Paulo Cavalcanti
(edição em inglês e português)

Eça de Queiroz - agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

R\$ 30,00



O GIRASSOL
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, contendo textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagética sem parentesco, o descritivo mais penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas".

R\$ 40,00



ESTÃO TODOS DORMINDO
Edson Nery da Fonseca

Estão todos dormindo é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, na qual Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas, citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e envolvente, que transforma o leitor em cúmplice do que narra.

R\$ 30,00



DE RUAS E INTI-NERÁRIOS
Alexandre Furtado

Alexandre Furtado revela que, apesar de jovem, cultivava grande nostalgia de um Recife que não chegou a conhecer, como a época dos bondes e trilhos, ou cujas referências de arquitetura e lugares que conheceu na adolescência, já se perderam.

R\$ 40,00



NAS SOLIDÕES VASTAS E ASSUSTADORAS
Kalina Vanderlei

A historiadora Kalina Vanderlei descreve como surgiu o Sertão, enquanto espaço sociocultural, enfatizando os personagens que participaram dessa conquista, pessoas pobres e eremítas recrutados pela Coroa portuguesa para combater os indígenas que habitavam a região.

R\$ 30,00



UM DIPLOMATA E POLÍTICO DO IMPÉRIO
Fernando da Cruz Gouvêa

Fernando da Cruz Gouvêa apresenta o conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da província de Pernambuco, que participou de episódios relevantes do Império, defendendo a liberdade de imprensa, os direitos dos cidadãos e o combate ao tráfico negreiro.

R\$ 30,00



NOS CAMINHOS DO FERRO
Paula Souto Maior

Paula Souto Maior destaca o uso do ferro fundido nas construções desde o século 19 e sua popularização após a Revolução Industrial. No Recife, elementos históricos e arquitetônicos identificam edifícios importantes, como o Mercado de São José e outros.

R\$ 58,00



JARDINS DO RECIFE
Aline de Figueirôa Silva

A arquiteta Aline de Figueirôa Silva detalha o surgimento do paisagismo no Brasil, a partir de Burtel Marx, e aborda os jardins recifenses do ponto de vista do paisagismo, da arquitetura e do urbanismo, contextualizando-os política e socialmente.

R\$ 35,00



A INTOCÁVEL BELEZA DO FOGO
Geraldina Brasil

Poeta apaixonado pela poesia, humilde, raro e especial, Geraldino Brasil faleceu em 1996, deixando uma vasta produção inédita. Nesta obra, a Cepe Editores o apresenta às novas gerações, publicando 90 poemas, parte dos quais escritos no formato de sextinas.

R\$ 35,00

Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



LANÇAMENTOS RECENTES



ESCRITORES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XX

Lucília Gonçalves Ferreira

Apresenta um resumo da vida e obra de escritores fundamentais na formação da memória cultural de Pernambuco. As obras abordadas são: Frei Cipriano, a outros textos ignorados, e o livro *Amor e Guerra* de Benedito, que apresenta poemas de inspiração religiosa e homenagem à cultura brasileira.

R\$ 30,00 (cada)



PONTES E IDEIAS

Cláudia Amorim

Seguidor de Charles Fourier, Louis Vauxcelles projetou obras modernas, além do Recife do século 20. O livro mostra seu lado humanista, bem-humorado, seu idealismo e seu domínio na escrita, que retratou a época e a influência francesa na cultura brasileira.

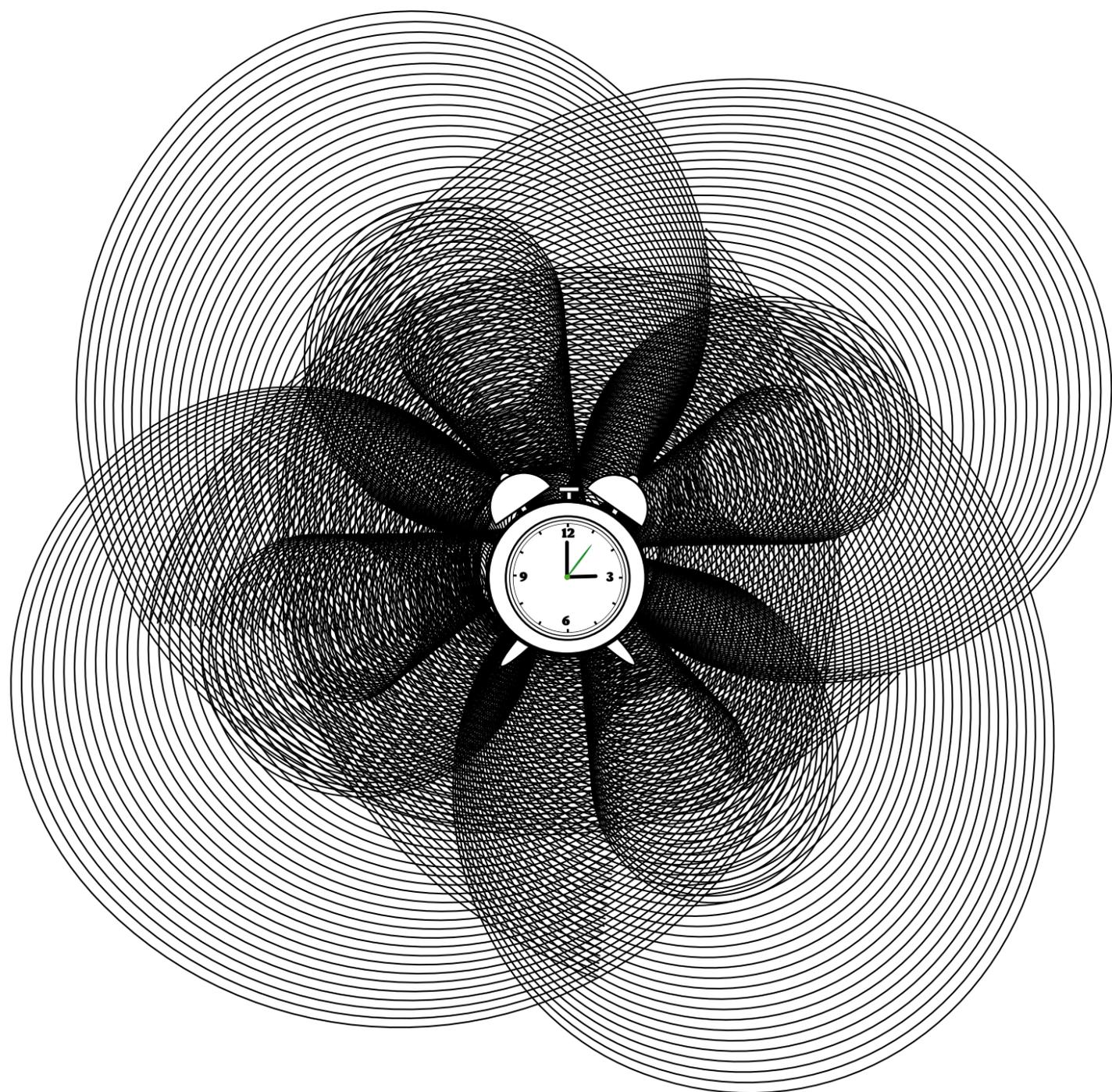
R\$ 60,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Mariana Ianelli



KARINA FREITAS

Como se chegasse a nossa hora vespertina

É um momento de raro equilíbrio, quando não esbanjamos mais tantas oportunidades e ainda não temos as mãos vazias. Os caminhos continuam abertos, mas alguma história já foi escrita e essa história nos acautela, pesamos o risco de estradas desconhecidas. Não temos muito nem pouco tempo, temos tempo suficiente. O corpo fica mais lento, experimenta a noção de volúpia, é um corpo que se perdoa por não ser mais tão cheio de energia.

É um momento de trégua de velhas disputas, a esperança volta, sem ingenuidade, agora um sentimento novo, cruento, difícil. Podemos ficar sentados à mesa entretidos com um pensamento por horas e horas, como um enxadrista. Exploramos pequenos prazeres, nossa fluência na língua dos gestos, aos poucos vamos nos tornando

mestres na arte de falar em silêncio. Conhecemos bem aquela sala penumbrosa, com cheiro nauseante de gérbas e lírios, candelabros nos quatro cantos, estivemos ali muitas vezes, com a nossa cara compungida. Ficamos atentos aos indícios. Deitamos no escuro e conversamos conosco, vem a centelha, a grande solução, depois caímos no sono e esquecemos tudo. Já blasfemamos, arremetemos, ameahamos alguns desafetos, pecamos por ingratidão, chegamos ao excelente desempenho do nosso ódio. Agora queremos um pouco de delicadeza, ter a quem confiar a nossa parte humana dada à embriaguez e ao desastre. Sabemos melhor e mais fundo quais os nossos pontos fracos, aprendemos a rir das nossas rabugices, a nos reconhecer na dor alheia quando colocamos os nossos olhos

nos olhos de um outro e o que vemos é dança involuntária e cor de bronze de lacraia torturada pelo fogo.

É como se chegasse a nossa hora vespertina, um ritmo moderado de meio de expediente, um sentido de geração parecido a uma vaga sensação de desperdício, o pressentimento de uma fábula moderna do incêndio de muitas outras bibliotecas alexandrinas, mas, na aritmética de desencantos e alegrias, provando do livrinho da vida, sentimos ainda um gosto doce, nosso saldo ainda é positivo. Daqui para amanhã é cuidar para que não nos aconteça aquele “sabor de promessa falhada” de um dos mais belos e tristes poemas de Mario de Andrade. Cuidar que seja um rosto limpo, sem rancor e sem vexame, o rosto que vier, oráculo do nosso passado.

Nesta seção, mantemos o texto original dos autores

SOBRE A AUTORA

Mariana Ianelli é poeta e autora de *Treva alvoreada* e *Fazer silêncio*. Seu site é <http://www2.uol.com.br/marianaianeli/>

Entre moscas

Se a vida (não) nos deu mais do que uma cela de reclusão, façamos por ornamentá-la, ainda que mais não seja, com as sombras de nossos sonhos, desenhos e cores/mistas/esculpindo o nosso esquecimento sob a parada exterioridade dos muros (Fernando Pessoa).

A mosca cola-se ao vidro da janela. Ela é o alvo (a 'mosca') de meu olho, o objeto para onde converge minha atenção, embora além do vidro se estenda o verde da mata e, detrás dele, a casa no alto e outros elementos da paisagem: fios, cercas, monturos. E nos monturos, a lâmina das circunstâncias que corta nossas vidas: favela, sem esgoto ou água encanada, barulho de martelo a pregar algum segredo ou o homenzinho apregoando macaxeira.

Mosca: ao mesmo tempo alvo e inseto ('insetalvo', 'alvinseto?') da espécie dos esquizóforos, assim denominados por terem um sulco frontal a dividir a cabeça em dois hemisférios. Ela mexe-se, inquieta, alvo móvel a dar voltas em torno de si mesma. Fosse gente, seria considerada alguém que dissocia ação e pensamento, no limiar da esquizofrenia. Mas age assim certamente por ter olhos múltiplos, omatídios, oitocentos grãos translúcidos, esferas cristalinas de alta definição, como um aparelho de televisão LCD. Levam luz ao cérebro minúsculo e agora estão encadeados pela superfície brilhante do vidro que a detém no interior do quarto onde procuro descobrir sua estratégia de livramento da prisão na qual a mantenho.

Ela, a mosca, terá uma duração de, no máximo, vinte e um dias, seu ciclo vital. Terminado o movimento dessa peregrinação (que também pode ser subentendido como realidade subjetiva), ficarei sozinho, sem ter com quem partilhar o fastio, nem mesmo a restrita visão das gotas de chuva sobre as folhas das árvores próximas ou o reflexo do sol a esmorecer-se sobre o ocre dos telhados.

Quando penso nessas sensações, não as considero mera percepção ótica de um mundo que nos estrangula, a mim e à mosca. É como se estivéssemos dentro de uma bolha invisível, dentro da qual contendo meu próprio espaço-tempo.

Quanto à mosca, faço de tudo para não assustá-la, embora às vezes a perca de vista. Procuro segui-la atentamente e durante

a perseguição me vem sempre à cabeça o verso do poeta espanhol Antonio Machado: "(...) vosotras, moscas vulgares/me evocáis todas las cosas".

Penso, então, na mosca que pousava no olho do primeiro morto que vi. O cadáver, estendido no caixão, mãos postas, rosto escondido com um lenço que de vez em quando era erguido por um curioso ou um parente próximo. Quando o morto era descoberto, a mosca voava, voava, e regressava, com insistência quase raivosa aos olhos do defunto. "Tão moço!", repetiam todos a mesma frase ao afugentarem a mosca naquele seu voo que se limitava ao território do tamanho de uma camisa de cambraia de linho branca.

Ao "evocarem todas as coisas", lembro também a que me perseguiu na travessia de um trecho de deserto. Havia sido prevenido de que o instinto de sobrevivência levaria a mosca a se grudar em algum de nós e a seguir-nos até o fim da viagem. Instintivamente, ela sabia que, naquelas circunstâncias, abandonar o hospedeiro significaria a morte. Descuidei-me e tornei-me seu alvo. Feri-me, de leve, de tanto tentar livrar-me do assédio e acabei por guardar uma pequena mancha vermelha, que ainda trago no rosto.

Encontrei-a de novo, a mosca, a minha mosca. Começou a saltitar sobre o livro aberto ao lado, em cima de um pedaço de frase: "*to drive home the finality of death*".

Caminha com passadas microscópicas, ultrapassa o trecho "*by the monotonous buzzing of the flies?*" e depois de roçar meu braço esquerdo aterrissa finalmente na pequena porção de comida, de cerca de 3 gramas, que depositei sobre a folha de papel branco, tamanho A4. Assim, estará abastecida durante a rápida trajetória sobre o nosso reino particular de cinco metros quadrados: mesa, computador, pequena estante com cerca de vinte livros e metade de uma resma de papel reciclável.

Sobre o fundo branco acompanho seus pequenos gestos nervosos, seus rodopios, riscos no papel. Mexe as patas, esfrega no pouco de comida o que se poderia chamar de focinho, mas cujo termo correto é 'probóscide'. Não pode ingerir sólidos, por isso deposita uma mistura de saliva e suco gástrico, um ínfimo vômito, na-



SOBRE O AUTOR

Everardo Norões é poeta, autor de *A rua do Padre Inglês*. Esse texto faz parte do seu primeiro livro de contos, ainda sem título.





KARINA FREITAS

queles minúsculos resíduos. Uma digestão 'externa', que não consigo observar, nem mesmo com óculos. Se conseguisse examinar melhor diria o quanto de asco poderia causar-me. Mas por ser um ato tão microscópico, como tudo o que não se vê, não me dá nojo. Imagino que assim deve pensar Deus – se é que Ele existe – sobre todos nós humanos, pequenos insetos nervosos a se mexerem, sem objetivo nenhum no nosso pequeno bólido perdido no universo.

Deixo-a mais calma, a mosca, a digerir sua refeição de final de tarde. Levanto da cadeira, onde fico o dia quase todo a ler e a tentar

entender os teoremas da incompletude de Gödel. Olho-a como para me despedir e penso de novo:

“(...) vosotras, moscas vulgares/me evocáis todas las cosas”.

Nenhum poema sobre moscas igual a esse de Antonio Machado. Nada de “mosca azul, asas de ouro e granada” daqueles versos do outro Machado, que certamente detestava negros, complexado, submetido a ataques epiléticos, orgulhoso de sua farda de academia, dólmã de antigas turquias. Quanto a mim, prefiro a mosca de verdade: preta, sem metáforas. A que reina sobre nossa podri-

dão, faz brilhar a ferida. Como a mosca-varejeira: pequenos ovos-luz, larvas esbranquiçadas sobre a úlcera na perna do cego da feira, que nos obrigava a correr para fugir de sua companhia.

Ei-la sobre o papel imaculado: simples ponto escuro sobre o branco, que tudo pode significar: sinal enigmático do texto, buraco negro das origens, fuligem final dos grandes incêndios, caractere original de alguma tradução de Camilo Pessanha. Aquele de barba toda moscas, tuberculose e concubinas, no sujo chão da China.

Desligo o ar-condicionado. Levanto da cadeira, com comichões

na perna direita. Fecho a porta com cuidado. Giro a chave, para que ela não fuja durante a noite e eu não perca sua companhia, pelo menos durante os presumíveis 21 dias que ainda lhe restam.

E de repente escuto, numa espécie de murmúrio.

Ligo a grande mosca, a que não se mexe, não volteia no ar. A que mede trinta e seis polegadas, milhares de grãos translúcidos, esferas cristalinas de alta definição, que levam a escuridão ao nosso cérebro minúsculo. E agora encandeiam a noite, na qual, sozinho, confundo-me com ela...

RESENHAS

HALLINA BELTRÃO



A hora certa para se falar daquela lembrança incerta

Em seu primeiro livro no Brasil, o bengali Buddhadeva Bose revela as nuances do “homem sensível”

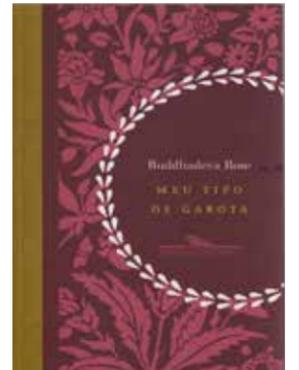
Schneider Carpeggiani

Um amigo comentou, há pouco, que fazia uma reportagem sobre colecionadores de ônibus em miniatura. Achei meio específico (e ele também) a obsessão/mania/hobbie dos seus entrevistados, mas como censurar? Na hora, começamos a comentar o quanto (digamos) “certas preciosidades” são bandeiras, em geral, erguidas pelo sexo masculino. Homens colecionam miniaturas (tal e qual os citados ônibus), selos, moedas, álbuns de figurinhas que só fazem sentido por que nunca serão completados, montam torcidas organizadas de uma violência quase canibal, usam saltos que nenhuma mulher se arriscaria a usar, porém acham uma injustiça quando são envolvidos numa singela D.R. (abreviatura bastante mão na roda para a expressão Discussão de Relacionamento). Homens são obsessivos; mulheres, tagarelas emocionais – ah,

esses clichês que somos obrigados a carregar... No seu primeiro livro lançado no Brasil, o romance *Meu tipo de garota*, o escritor bengali Buddhadeva Bose (1908-1974) desconstrói essas prerrogativas e fala de homens que não camuflam sensibilidade com arroubos obsessivos por ônibus em miniaturas e saltos plataforma. Seus personagens masculinos (quatro, tal e qual o número de garotas de *Sex and city*, numa comparação meio esdrúxula) se revelam frustrados e emocionalmente frágeis e falam, falam e falam sobre as agruras de serem garotos com o coração aos pedaços. Mas é claro que tais revelações não poderiam rolar numa situação prosaica. *Meu tipo de garota* toma a estrutura de um clássico literário, *Decamerão*, de Boccaccio. Em meio a uma situação adversa, os personagens não têm outra coisa a fazer além de relatarem histórias para, assim, sobreviverem ao infortúnio do presente.

O descarrilamento de um trem obriga quatro passageiros a dividirem os esforços de uma intimidade durante a noite numa desconfortável sala de espera de estação ferroviária. “Quatro indivíduos muito diferentes, vindos de diferentes nichos da sociedade”, avisa o narrador. Temos um escritor, um burocrata, um médico e um empresário. Vale ressaltar a técnica apurada do autor para apresentar seus personagens, que nos são introduzidos como se Bose colocasse um facho de luz na cara de cada um deles, dispensando seus nomes. Faz sentido: naquela estação, eles são todos nós, só que sem a proteção dos nossos ônibus em miniatura. Mas por que os quatro decidem relatar, justamente, lendas pessoais sobre o amor? “Não existe ninguém que nunca tenha gostado de alguém. O que aconteceu depois não importa; o que importa é o gostar. Talvez

seja a memória também o que importa. Alguma lembrança...”, nos explica um dos personagens. Está certíssimo. Lembranças são bagagens que levamos juntos para o futuro, muitas vezes com certo sobrepeço, que precisamos “esquecer” em algum lugar, alguma estação de trem mal-iluminada, para continuar seguindo em frente na viagem.



ROMANCE

Meu tipo de garota

Autor – Buddhadeva Bose

Editora – Companhia das Letras

Preço – R\$ 33

Páginas – 152

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

NOVO SELO

Cepe publica os livros vencedores do concurso de literatura infanto-juvenil realizado em 2010

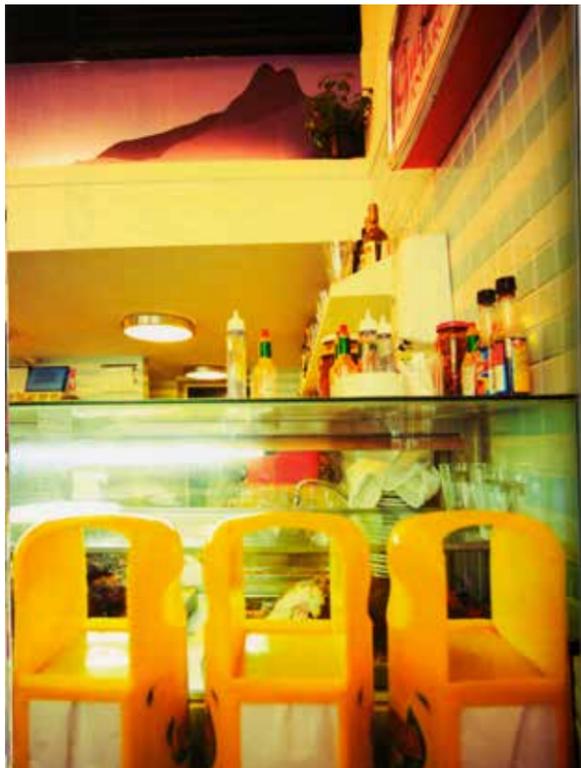
Durante 2011, a Cepe Editora vai lançar gradativamente os livros classificados no 1º Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil, promovido em 2010. Além dos três vencedores de cada categoria, outros seis autores conquistaram Menção Honrosa e também serão publicados. Já assinaram contrato os pernambucanos Manoel Constantino Filho, (à dir.) diretor de teatro, vencedor

na categoria juvenil com o livro *Anjo de rua*, e o estudante de cinema Lucas Mariz Pereira de Araújo (à esq.), vencedor na categoria infantil com *O conto do garoto que não é especial*. Ambos receberam oito mil reais e diploma durante a festa de premiação em janeiro, no auditório da Livraria Cultura. Concorreram ao prêmio mais de 400 obras, de candidatos do Amazonas ao Rio Grande Sul.

MAÍRA GAMBARRA / DIVULGAÇÃO



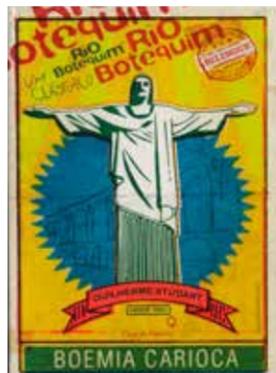
REPRODUÇÃO



O bar como cartão postal

O Rio de Janeiro é um cartão postal, a obrigação de um verão de 365 dias, a encarnação de uma boemia incansável e superior a qualquer excesso, tudo isso mais que uma simples cidade. Assim faz todo sentido que, a cada ano, uma nova edição do guia *Rio Botequim* – perceba não é um guia de restaurante ou hotel, e sim de botequins, da dupla imbatível cerveja gelada e gordura. O autor Guilherme Studart, junto com uma equipe (que nem o fígado do maior dos cariocas é imbatível), percorreu os botequins classe A e os “pega-bêbo” que fazem a lenda do Rio de Janeiro. O legal do livro é o grau de intimidade de Studart com o assunto tratado. Ele, por exemplo, chama pelo nome os garçons e os trata com um carinho quase fraternal. Não é para menos. Esses profissionais podem

transformar sua petiscagem no sétimo céu ou no último dos infernos. Mas o melhor aqui é o tratamento gráfico do livro, com cores e imagens fortíssimas, capazes de ressuscitar a boemia até do mais incauto dos mortais. Leia com moderação. **(Schneider Carpeggiani)**



GASTRONOMIA

Rio Botequim
Autor - Guilherme Studart
Editora - Casa da palavra
Preço - R\$ 43
Páginas - 252

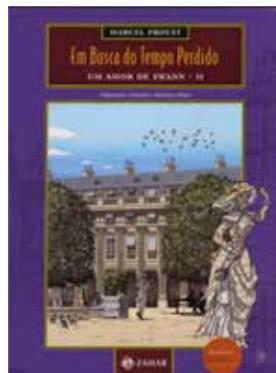
REPRODUÇÃO



Proust para os seus olhos

Os clássicos da literatura são um dos alvos preferidos das adaptações quadrinísticas – de fato, há um mercado voltado para essas iniciativas, que entram em currículos escolares como introduções aos títulos originais. Uma das mais ousadas tentativas nesta área, tanto pela dificuldade de recriar o texto original, como pela extensão da obra, é a do francês Stéphane Heuet, que tem lançado em HQ os sete tomos de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. O quinto capítulo do trabalho do desenhista, *Um amor de Swann II*, lançado agora no Brasil, narra a paixão do nobre Swann por Odette de Crecy, dama malvista na alta sociedade francesa. Como adaptação, o trabalho de Heuet traz os velhos problemas das recriações não autorais de romances. O autor não faz muito mais do que uma seleção ilustrada de

trechos do romance, que muitas vezes ocupam visualmente metade das páginas. Ainda assim, o quadrinho é uma boa porta de entrada para o universo denso de Proust, e é difícil imaginar um leitor que não se interesse pelo romance a partir das saborosas amostras desenhadas por Heuet. **(Diogo Guedes)**



QUADRINHOS

Em busca do tempo perdido
Autor - Stephane Heuet
Editora - Zahar
Preço - R\$ 46
Páginas - 76

PRATELEIRA

O MONGE E O PASSARINHO

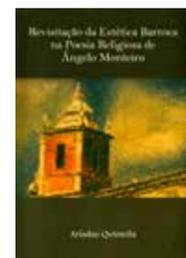
A autora mineira inspira-se em fragmento do texto sobre a passagem do tempo, do padre português Manoel Bernardes. Com projeto gráfico sofisticado e capa dura revestida em tecido, ela busca recriar a estética das iluminuras – ilustrações ornamentais que acompanhavam a borda dos textos ou dos manuscritos medievais, aliando esta tradição estética e editorial às suas próprias ilustrações. A obra conta a história de um monge que reflete acerca da sabedoria contida em um salmo religioso sobre a passagem do tempo e encontra sua conexão com a natureza na beleza e espiritualidade de um canto de pássaro.



Autora: Ângela Maria
Cardoso Lago
Editora: Scipione
Páginas: 48
Preço: R\$ 49,90

REVISITAÇÃO DA ESTÉTICA BARROCA NA POESIA RELIGIOSA DE ÂNGELO MONTEIRO

Ao analisar a obra de Ângelo Monteiro, poeta alagoano radicado em Pernambuco, investigando as ressonâncias do barroco em sua obra, a jornalista Ariadne Quintella, especializada em Literatura e Arte, reafirma a beleza da poesia religiosa de Monteiro, de sólida formação humanista e refinado senso estético, ao mesmo tempo em que traça um rico panorama das manifestações artísticas do barroco no Brasil, em especial sobre o legado jesuítico para a cultura brasileira.



Autora: Ariadne Quintella
Editora: Ed. do Autor
Páginas: 104
Preço: R\$ 20

O ASSOBO DA FOICE

Novela policial ambientada em São Paulo, onde o investigador Omar Fonseca, ao seguir as pistas da misteriosa morte de pessoas ricas e idosas, descobre uma organização criminosos que atende herdeiros inescrupulosos. O autor, jornalista pernambucano radicado em São Paulo, que morreu antes da publicação do livro, consegue manter o suspense até o final, conectando personagens tão díspares como a policial escultural e o pai de santo preferido das grã-finas paulistanas, por meio de uma lógica impecável.



Autor: Fernando Pessoa Ferreira
Editora: Global
Páginas: 224
Preço: R\$ 36

IMAGENS QUE CONTAM O MUNDO

Criada para celebrar o Dia do Repórter (16 de fevereiro), a coleção reúne 300 fotografias pertencentes a agência Magnum, referência em fotojornalismo, fundada na França em 1947 pelo fotógrafo Henri-Cartier Bresson. O livro aborda as cinco décadas recentes dos principais momentos da história política, social e cultural da humanidade, incluindo contexto histórico, cronologia, canções marcantes e comentários dos fotógrafos.



Autor: Eric Godeau (organizador)
Editora: SM
Páginas: 256
Preço: R\$ 50

MERCADO

Festa teve palestras, vídeo e entrega de diploma

A professora Neuma Azevedo (UFPE) e o editor Paulo Caldas (Bagaço) falaram de literatura infantil e seu mercado editorial. Foi exibido vídeo sobre o tema e distribuídos a revista *Continente* e o *Pernambuco*. A comissão julgadora teve os escritores Ronaldo Correia de Brito e Fernando Monteiro, professores Aldo Lima (UFPE) e Wanda Cardoso (Secretaria de Educação) e a editora Heloisa Arcoverde (FCCR).

CRÍTICA

Projeto Laboratório de Literatura e Crítica

Toda terça-feira, às 19h, a TVPE exibe o projeto Laboratório de Literatura e Crítica. Durante 30 minutos, jornalistas, escritores, críticos e professores discutem com a plateia sobre temas literários. A apresentação é de Wellington de Melo, Cristhiano Aguiar, Cristiano Ramos, Bruno Piffardini e Jomard Muniz de Brito, que se revezam na condução. A TVPE é transmitida para 109 municípios de Pernambuco.

CONCURSO

Prêmios Literários Cidade do Recife abre inscrições

O aguardado concurso está aberto para as seguintes categorias: Prêmio Lucilo Varejão – melhor livro de ficção (novela, romance ou conto); Prêmio Elpidio Câmara, para a melhor peça teatral; Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, para melhor livro de poesia; e Prêmio Jordão Emerenciano, para melhor livro de ensaio. Os vencedores de cada categoria recebem cinco mil reais e têm a obra publicada.

CRÔNICA

Fabiana Moraes

HALLINA BELTRÃO



Em cerca de 2h37 estarei bem longe de você

Sempre senti uma imensa solidão todas as vezes que entrei em um aeroporto e olhei para o neon vermelho da cafeteria Palheta. O sentimento, na verdade, não morava somente em mim: ele era compartilhado com aquelas letras um dia fluorescentes, com o tom meio cansado que há anos está pedindo para ir embora, naquela luz triste que pouco ilumina a si mesma (mas é mantida ali como algo que deve sugerir emoção e felicidade). E tem aquela comida do balcão. A comida que vai ser comprada por alguém que acabou de dizer, mesmo sabendo que era mentira, “Eu telefono quando chegar”, “Eu tentei”, “Eu vou voltar”.

Por covardia e certa inabilidade de lidar com as coisas que machucam, evito me aproximar daqueles balcões. Aeroportos me consomem. Não consigo não observar as pessoas tão cansadas da sala de espera, as pessoas ansiosas que correm para fazer fila quando o voo nem sequer começou a ser chamado, as pessoas que tomam café, a mesinha suja, desejando algo que não sabem precisar. Elas estão, geralmente, sozinhas (como, geralmente, também estou). Já me aproximei algumas vezes do balcão e das letras vermelhas, sempre me certificando de que a fila para comprar a comida estava pequena (como aquela

fila é triste). Mesmo assim, a proximidade com as xícaras deixadas com um pouco de café, a proximidade com o vermelho sem luz que emana do neon, já sinto o coração começando a partir. É claro que algumas vezes aquelas letras iluminadas a conta-gotas pouco me afetaram. Estava ouvindo uma música boa (Bowie cantando para o filho, John para Yoko, Gal para alguém que não soube levá-la para a cama), estava ao lado de um amor, estava indo com a certeza de que logo pisaria na areia da praia, ou que em cerca de 2h37 eu abraçaria uma pessoa querida. Mas, ao contrário, em alguns momentos aquele neon que não cumpre a promessa de alguma felicidade quase me matou. Não importava se eu tivesse cortado o cabelo um dia antes, comprado uma revista, se estivesse finalmente satisfeita com a mala (desta vez, sem a sensação de que algo imprescindível tinha ficado para trás). Não fazia diferença se minha contas estivessem pagas e se eu tivesse finalmente conseguido visitar a minha avó Rosa no fim de semana. Eu simplesmente não podia encarar aquele neon falsamente feliz de frente: parecia que aquela cor fantasma me dizia que eu pegaria aquele voo e nunca mais veria

ninguém que eu amava ou que eu amei. Não era medo de o avião cair ou explodir no ar. Pior, muito pior, é não saber se aqueles que são seu chão, parede, seu teto e suas janelas poderão continuar a tarefa nem sempre simples de cuidar de você. Ou se você consegue dar conta da tarefa de continuar a ser o chão, a parede, o teto e a janela de alguém. Essa sensação chega no momento em que tiro a mala do táxi, quando entro na sala de embarque. Mas ela é especialmente detonada no momento em que o nome vermelho entra no meu campo de visão. Porque a sala de embarque onde está a cafeteria Palheta tem esse poder: ela pode ser a antesala da recontextualização de sua existência. E, mesmo com a avó beijada e as contas OK, você não sabe se está preparado para recontextualizá-la ou se quer somente terminar de pagar o sofá branco, se quer ir naquela festa dançar com a lata de cerveja meio quente na mão. Você está mais uma vez em frente aos insones, aos apressados, aos esperançosos, às xícaras sujas, mais uma vez naquela sala pensando que é muito sortudo porque pegou a cadeira do corredor, que vai economizar minutos preciosos, está se sentindo muito solitário porque bem na sua

frente o casal bronzeado volta para casa vestindo camisetas de algodão com um solzinho desenhado. Você se sente meio culpado e até um pouco otário, afinal o mundo está ferrado, a água está acabando e a música pop enfrenta sérios problemas. Enquanto isso, seu coração vai esmaecendo somente por causa da cor de uma luz. Você liga o botão PRESTAR ATENÇÃO e tenta fingir que não está muito cansado das músicas que carrega consigo, tenta superar os avisos de wi-fi, tenta se sentir muito bem-sucedido porque está viajando a trabalho ou vai apresentar um texto para cumprir o protocolo do calendário acadêmico. Você está até conseguindo não observar a fila e a luz, mas é atraído por alguém ali parado, com a xícara de café olhando para nada. É alguém que acaba de dizer, sabendo que a recontextualização é inevitável, “Eu telefono quando chegar”. Alguém que agora se sente ridículo comprando aquela água cara e que disse, o bilhete na mão, “Eu tentei”. Alguém que não sabe mais o que fazer de si, mas mesmo assim, meio apagado, não fluorescente e pedindo para ir embora, conseguiu garantir, sabendo que era mentira, “Eu vou voltar”.

SOBRE A AUTORA

Fabiana Moraes é jornalista e autora do livro-reportagem *Os sertões*, lançado pela Cepe